

Universidade Federal de Uberlândia
Curso de Pedagogia a Distância

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO I

Prof. Sauloéber Társio de Souza

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO I

SOUZA, Sauloéber Tércio de. **História da Educação I**. Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2011. 68 p.

Sobre o autor: Prof. Dr. Sauloéber Tércio de Souza

Professor doutor atuando na UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação (NEPHE-UFU), professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação da FAGED (linha de Historiografia e História da Educação). Possui graduação em Ciências Econômicas pela UNIFACEF (Centro Universitário de Franca - 1992) e graduação em HISTÓRIA pela UNESP (Universidade Estadual Paulista - 1997). O mestrado em História e Cultura também foi realizado na UNESP (Franca – 2000) e o doutorado em Educação foi cursado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP – 2005). Trabalhou por 04 anos na rede pública estadual de São Paulo como professor efetivo de História, atuou no Programa de Educação Continuada (Unesp-USP-PUC) entre os anos de 2001 e 2002 e na Universidade Federal do Tocantins no período entre 2003 e 2006. Atualmente é sócio da SBHE e da ANPUH-MG. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Fundamentos da Educação (NEPE-Facip). Bolsista em produtividade pelo CNPq (2009-2012).

CAPA

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=7698>

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Dilma Vana Rousseff

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Fernando Haddad

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA/CAPES
Celso José da Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
REITOR
Alfredo Júlio Fernandes Neto

VICE-REITOR
Darizon Alves de Andrade

CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
DIRETORA E REPRESENTANTE UAB/UFU
Maria Teresa Menezes Freitas

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UFU
COORDENADOR UAB/UFU
Marcelo Tavares

SUPLENTE UAB/UFU
José Benedito de Almeida Júnior

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED - UFU
DIRETORA
Mara Rúbia Alves Marques

CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA
COORDENADOR GERAL
Eucidio Pimenta Arruda

COORDENADORA DE AVALIAÇÃO
Gizelda Simonini

COORDENADORA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO
Diva Souza Silva

COORDENADORA DE TUTORIA
Marisa Pinheiro Mourão

ASSESSORA DA DIRETORIA
Sarah Mendonça de Araújo

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR
Alberto Dumont Alves Oliveira
Fabiano Goulart
Gustavo Bruno do Vale
João Victor da Silva Alves
Otaviano Ferreira Guimarães

COORDENADOR DE TECNOLOGIA
Eucidio Pimenta Arruda

COORDENADORA PEDAGÓGICA
Marisa Pinheiro Mourão

EQUIPE DO CURSO DE PEDAGOGIA
SECRETÁRIA
Patrícia Cardoso Rocha

APOIO PEDAGÓGICO
Larissa Brito Ribeiro
Maria Helena Cicci Romero

REVISORA
Carina Diniz Nascimento

ESTAGIÁRIOS
Ana Rafaella Ferreira Ramos
Janaina Batista do Nascimento
Lorraine Rodrigues de Vasconcelos
Santusa Junqueira

SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
FIGURAS	7
INFORMAÇÕES	9
INTRODUÇÃO	10
Plano geral da disciplina	10
Principais materiais	11
Tempo de Dedicação nesse módulo	11
Principais avaliações – formas de avaliação	11
AGENDA	12
ANOTAÇÕES	14
SUMÁRIO SEMANAL	15
<i>Módulo 1 - Refletindo sobre a História da Educação e a História</i>	15
I – TEXTO BÁSICO	16
<i>Unidade 1 – História da Educação: Importância para a cultura geral do educador</i>	16
II - CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
III - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS	23
IV - REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	23
V - TEXTO BÁSICO	25
<i>Unidade 2 – concepções de tempo e espaço em História</i>	25
VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
VII - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS	30
VIII - REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	30
ANOTAÇÕES	32
SUMÁRIO SEMANAL	33
<i>Módulo 2 - A Educação nas Sociedades Ágrafas e Hidráulicas</i>	33
I - TEXTO BÁSICO	34
<i>Unidade 1 – Educação e Cotidiano das Comunidades Ágrafas</i>	34
II - CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
III - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS	39
IV - REFERENCIAS COMPLEMENTARES	39
V - TEXTO BÁSICO	41
<i>Unidade 2 - Sociedade e Educação nas Civilizações Hidráulicas</i>	41
VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
VII - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS	45
VIII - REFERENCIAS COMPLEMENTARES	45

SUMÁRIO

SUMÁRIO SEMANAL	47
<i>Módulo 3 - O mundo grego e dois modelos educativos</i>	47
I - TEXTO BÁSICO	48
<i>Unidade 1 - Esparta e a Educação Militar</i>	48
II - CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
III - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS	52
IV - REFERENCIAS COMPLEMENTARES	52
V - TEXTO BÁSICO	54
<i>Unidade 2 – Atenas e o “Ócio Digno”</i>	54
VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
VII - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS	59
VIII - REFERENCIAS COMPLEMENTARES	59
 SUMÁRIO SEMANAL	 61
<i>Módulo 4 - Roma e a Educação</i>	61
I - TEXTO BASICO	62
<i>Unidade 1 - Escola e Trabalho no Cotidiano Romano</i>	62
II - CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
III - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS	67
IV - REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	67
V - TEXTO BÁSICO	69
<i>Unidade 2 - A Infância e a Educação Feminina</i>	69
VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
VII - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS	78
VIII - REFERENCIAS COMPLEMENTARES	78

FIGURAS

Figura 1: Fotografia do Álbum Photographico Escola Normal e Annexas de São Paulo – 1908	18
Figura 2: Afrânio Peixoto. Noções de História da Educação.	20
Figura 3: Theobaldo Miranda Santos. Noções de História da Educação. São Paulo:	20
Figura 4: Aquiles Archêro Júnior. Lições de história da educação rigorosamente de acordo com programa oficial das escolas normais.	21
Figura 5: Ruy de Ayres Bello. Pequena História da Educação.	21
Figura 6: Franco Cambi. História da Pedagogia.	22
Figura 7: Deus Cronos ou “Tempo”.	26
Figura 8: Musa Clio – Deusa da História.	27
Figura 9: Ampulheta: signo maior do tempo inexorável.	28
Figura 10: Escola Normal no bairro da República, centro de São Paulo, em 1908.	29
Figura 11: A valorização da figura materna na educação familiar.	34
Figura 12: Pintura Rupestre	35
Figura 13: Múmia Otzi	36
Figura 14: Servos no Egito Antigo	38
Figura 15: Excertos de anotações na língua chinesa	44
Figura 16: Distinção social na Grécia Antiga	49
Figura 17: Mapa com a posição geográfica das principais cidades-estado gregas	54
Figura 18: Debate com o filósofo grego Aristóteles	55
Figura 19: Moeda ateniense do séc. V a.C.	56
Figura 20: Representação da Escola de Aristóteles	57
Figura 21: Sócrates: acusado de corromper os jovens foi condenado a morte.	58
Figura 22: A Loba Capitolina, escultura etrusca do século V a.C.	63
Figura 23: Extensão Marítima do Império Romano no ano de 117.	63
Figura 24: Estátua de Quintiliano	64
Figura 25: Busto de Marcus Tullius	66
Figura 26: Cena de um parto.	70
Figura 27: Matrona romana dando banho em seu filho	70

FIGURAS

Figura 28: Recém nascidos.	70
Figura 29: Representação das idades da infância	71
Figura 30: Cotidiano infantil	71
Figura 31: Boneca Romana	72
Figura 32: Ideal de jovem romana	72
Figura 33: Jovem Romano	73
Figura 34: Aula e escola romana	74
Figura 35: Fórum de Pompéia	74
Figura 36: Desenho de escolar, com legenda: “Camela, jumento, como eu camelei e será de muito proveito a você!”	75
Figura 37: Canetas, Estiletos e tinteiros romanos	75
Figura 38: Tabuletas ceráceas para escrever	76
Figura 39: Gravura copiada de um baixo-relevo mostrando um método de guardar rolos na Roma Antiga. Observem-se as etiquetas penduradas nas pontas dos rolos.	76

INFORMAÇÕES

Prezado(a) aluno(a),

Ao longo deste guia impresso você encontrará alguns “ícones” que lhe ajudará a identificar as atividades.

Fique atento ao significado de cada um deles, isso facilitará a sua leitura e seus estudos.



Destacamos alguns termos no texto do Guia cujos sentidos serão importantes para sua compreensão. Para permitir sua iniciativa e pesquisa não criamos um glossário, mas se houver dificuldade interaja no *Fórum de Dúvidas*.

INTRODUÇÃO

Prezado Aluno:

Com grande expectativa e muita motivação, damos início aos estudos em História da Educação no curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Uberlândia, projeto vinculado a UAB (Universidade Aberta do Brasil). Algumas questões iniciais nos conduzirão em nossos estudos, sendo também norteadoras de nossos subtemas:

- 1) Qual a importância de se estudar os fatos passados no presente?
- 2) Quais concepções de tempo e espaço assimilamos?
- 3) Por que estudar a História da Educação no curso de Pedagogia?
- 4) Como os processos educativos se realizavam nas comunidades ágrafas e nas sociedades hidráulicas?
- 5) Que modelos educativos se desenvolveram na Grécia Antiga?
- 6) Quais as contribuições da cultura romana para a constituição da escola ocidental?

Como todos vocês já sabem, a disciplina de História da Educação I é parte integrante do currículo de disciplinas obrigatórias do curso de Pedagogia a Distância. Esperamos que todos (as), ao final da disciplina, tenham condições de apreender aspectos dos diferentes processos de transmissão cultural das sociedades humanas, particularmente das sociedades ocidentais, possibilitando a compreensão articulada e coerente dos processos educacionais do passado e suas possíveis relações com a realidade educacional da atualidade.

Esperamos que vocês aproveitem e aprendam conosco nesta etapa do curso de Pedagogia a Distância.

Plano geral da disciplina

Objetivos

Objetivo geral:

- Apreender os diferentes processos de transmissão cultural das sociedades humanas, particularmente das sociedades ocidentais, possibilitando ao estudante a compreensão articulada e coerente dos processos educacionais do passado e suas possíveis relações com a realidade educacional da atualidade.

Objetivos específicos:

- Promover o estudo sobre o processo de constituição da área de pesquisa e de ensino em História da Educação;
- Conhecer o processo de passagem da educação assistemática à sistemática nas comunidades primitivas;
- Compreender a revolução civilizatória empreendida no mundo antigo e os processos de transmissão cultural por ele engendrados.

Principais materiais

Nessa disciplina, além do texto impresso (em suas mãos), você assistirá a alguns vídeos, fará leituras de hipertextos, além de desenvolver suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle.

Tempo de Dedicação nesse módulo

Para desenvolver as atividades dessa disciplina, recomendamos dedicação de, em média, 11 horas semanais (ver sugestão de dedicação a cada módulo no sumário anteriormente citado), distribuídas entre: atividades on line, leitura do material didático e atividades avaliativas.

Principais avaliações – formas de avaliação

Participação em atividades a distância e prova presencial.

AGENDA

AULA	MÓDULO	DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO	AVALIAÇÕES
Semana 1	Módulo 1 – Refletindo sobre a História da Educação e a História	<p>Atividade 1 – Assistir à vídeo aula introdutória</p> <p>Atividade 2 – Leitura do Texto Básico</p> <p>Atividade 3 – Fórum</p> <p>Atividade 4 – Leitura complementar 1</p> <p>Atividade 6 – Leitura Complementar 2</p> <p>Atividade 7 – Chat</p>	<p>Atividade 5 – Realizar atividade da Leitura Complementar Valor: 5,0 pontos</p> <p>Atividade 8 – Realizar atividade do texto básico Valor: 5,0 pontos</p>
Semana 2	Módulo 2 – Educação e Cotidiano das Comunidades Ágrafas	<p>Atividade 9 – Assistir à vídeo aula introdutória</p> <p>Atividade 10 – Leitura do Texto Básico</p> <p>Atividade 11 – Leitura complementar 1 Atividade</p> <p>Atividade 13 – Leitura Complementar 2</p> <p>Atividade 14 – Realizar a atividade da Leitura Complementar 2</p> <p>Atividade 15 – Assistir ao vídeo básico</p> <p>Atividade 16 – Realizar atividade referente ao Vídeo Básico</p> <p>Atividade 17 – Fórum</p> <p>Atividade 19 – Realizar atividade do texto básico</p>	<p>Atividade 12 – Realizar atividade da Leitura Complementar 1 Valor: 5,0 pontos</p> <p>Atividade 18 – Atividade Avaliativa Valor: 5,0 pontos</p>

Semana 3	Módulo 3 – O mundo grego e dois modelos educativos	<p>Atividade 20 – Assistir à vídeo aula introdutória</p> <p>Atividade 21 – Leitura do Texto Básico</p> <p>Atividade 22 – Pesquisa online</p> <p>Atividade 24 – Fórum</p> <p>Atividade 25 – Leitura Complementar</p> <p>Atividade 26 – Assistir ao Vídeo Básico</p> <p>Atividade 28 – Chat</p>	<p>Atividade 23 – Realizar atividade do texto básico Valor: 5,0 pontos</p> <p>Atividade 27 – Realizar atividade referente ao Vídeo Básico Valor: 5,0 pontos</p>
Semana 4	Módulo 4 – Roma e a Educação	<p>Atividade 29 – Assistir à vídeo aula introdutória</p> <p>Atividade 30 – Leitura do Texto Básico</p> <p>Atividade 31 – Leitura Complementar 1</p> <p>Atividade 33 – Leitura Complementar 2</p> <p>Atividade 34 – Vídeo Básico</p> <p>Atividade 35 – Pesquisa online</p> <p>Atividade 36 – Chat</p>	<p>Atividade 32 – Realizar atividade da Leitura Complementar 1 Valor: 5,0 pontos</p> <p>Atividade 37 – Realizar atividade do Texto Básico Valor: 5,0 pontos</p>

Módulo 1 - Refletindo sobre a História da Educação e a História

Conteúdos básicos do módulo 1

Unidade 1 – História da Educação: Importância para a cultura geral do educador

- Importância de se formar professores com sólida consciência sobre os processos histórico-educativos;
- A história da educação como fundamento do curso de Pedagogia.

Unidade 2 - Concepções de Tempo e Espaço em História

- O tempo e o espaço como categorias de análise em história;
- A história sempre presente.

Objetivos do módulo 1

Unidade 1

Mostrar aos alunos (as) a importância dos conhecimentos em História da Educação que implica o conhecimento de conceitos multidisciplinares essenciais para a cultura geral de todo educador na atualidade.

Esse ramo da ciência abarca objeto de estudo complexo, multidimensional, polissêmico, exigindo clara distinção na adoção de um plano de investigação que pode incluir atores, contextos, processos, meios educativos etc.

Assim, acreditamos poder contribuir com a formação dos educadores do curso de Pedagogia, ampliando-lhes a visão de mundo em torno da educação como fenômeno sócio-cultural em todas as sociedades.

Unidade 2

Nessa unidade buscamos discutir algumas questões relativas ao ensino e aprendizagem da história, especialmente, no que tange à dificuldade de abstração das questões do presente, visando ao entendimento de um cotidiano e hábitos que são singulares a determinado espaço e tempo remotos.

Tentamos alertar os (as) alunos (as) do curso de Pedagogia a Distância sobre a importância da assimilação de alguns referenciais espaciais e temporais para a aprendizagem histórica, o que também é válido para os estudos da disciplina de História da Educação.

O mundo contemporâneo fragmenta a noção de processo histórico, de forma que o passado e o futuro não se apresentam como referências para as ações do presente. Vivemos o instante, a difundida vida moderna implodiu verdades e mitos, embaralhou nosso horizonte, sobretudo, colocou os valores individuais como essência em detrimento do coletivo, de maneira que parte da produção histórica caminhou nesse sentido, desprezando-se os processos globais em nome da singularidade das experiências.



I – TEXTO BÁSICO

MÓDULO I: Refletindo sobre a História da Educação e a História

Unidade 1 – História da Educação: Importância para a cultura geral do educador

Estudar História da Educação?



Escreva abaixo, a partir de suas concepções próprias, qual a importância de se estudar a História da Educação no curso de Pedagogia à distância?

Essa reflexão inicial na disciplina de História da Educação I tem o objetivo de reforçar no (a) aluno (a) do curso de Pedagogia à Distância, a noção de que somos seres historicamente construídos. As marcas do passado não estão apenas em nossas cicatrizes, mas vão muito além do que imaginamos, conformando e dirigindo hábitos, costumes e práticas que em muitos casos perpassam séculos e até mesmo milênios, apresentando-se de forma repaginada na vida contemporânea.

Tábua escolar grega de madeira alvejada. Escrito pelo mestre e copiado quatro vezes pelo menino: “Trabalha duro, caso contrário você apanha!”



Um exemplo disso é a figura reproduzida acima, demonstrando como algumas práticas na educação escolar originadas no mundo clássico greco-romano sobreviveram até recentemente nas escolas de boa parte do mundo ocidental. Muitos trabalhos de pesquisa dedicados às questões histórico-educativas revelam que há bem pouco tempo, a cópia sequencial de frases, como citado acima, era utilizada maciçamente pelos docentes como forma de punição aos alunos que não se enquadravam no padrão da norma adotada pela escola ou pelo (a) professor (a) da turma. Segundo Aranha (1996, p.19):

Somos seres históricos, já que nossas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrentamos os problemas não só da vida pessoal, como também da experiência coletiva. É assim que produzimos a nós mesmos e a cultura a que pertencemos.

É sabido que cada geração nova assimila o conhecimento produzido e elabora projetos de mudança social, porém nossa inserção no tempo presente só tem sentido se mergulharmos no passado, movimento que pode levar ao planejamento de um futuro desejado. O passado deve ser pensado muito além de um tempo de glórias com certo saudosismo, ou apenas por curiosidade ou desejo de ampliar o conhecimento pretérito, é preciso compreender que é no passado que estão as raízes do presente, é dessa forma que conseguimos visualizar com maior clareza nossos hábitos, costumes, linguagem, expressões culturais, gestos, alimentação etc.

Também é importante salientar que a história é sempre presente, pois é construída por nós para satisfazer nosso desejo de controlar não apenas essa memória passada, mas também o futuro, por isso a escrita histórica está sempre sob o juízo da subjetividade de quem a elabora. Mesmo não sendo possível “reconstruir” o passado tal como ocorrera, o fato é que só podemos nos compreender dentro de nosso contexto histórico-social concreto.

Dessa forma, estudar o fenômeno educacional na história é fundamental para os futuros educadores (alunos do curso de pedagogia e outras licenciaturas) compreenderem a construção das práticas e saberes escolares ao longo do tempo, buscando desenvolver reflexões que possam contribuir para uma melhoria da educação no presente.

A disciplina História da Educação surgiu nos cursos de formação de professores como relato excessivamente descritivo das doutrinas e teorias pedagógicas, atualmente, há um intenso movimento no sentido de se investigar as práticas efetivas de educação resultantes do cotidiano no interior das escolas, sobretudo, daquelas de ensino elementar e técnico já que tradicionalmente a educação superior e o ensino médio foram mais documentados e estudados pela historiografia nacional.

Para Aranha (1996), o estudo de História da Educação nos cursos de formação de professores deve ter como finalidade essencial conscientizar as pessoas envolvidas na educação das novas gerações, sobre a importância do caminho já percorrido no campo educacional, gerando maior autonomia junto aos futuros educadores para que possam agir com intencionalidade explícita nas mudanças necessárias ao ofício de se educar.



Figura 1: Fotografia do Álbum Photographico Escola Normal e Annexas de São Paulo – 1908
Fonte: Acervo da Escola Caetano de Campos



Retome a questão inicial e compare sua resposta com a concepção apresentada neste texto. Quais são as aproximações e distâncias entre a sua concepção e a apresentada por Maria Lúcia Arruda Aranha?



Para reforçarmos nossas reflexões em torno da importância do estudo da disciplina História da Educação, apresentaremos algumas concepções de autores presentes no texto de Décio Gatti Jr – “Percurso Histórico e Desafios da Disciplina História da Educação no Brasil”, cuja abordagem teve a preocupação de se apontar os “vários usos” em torno do conhecimento histórico-educativo na formação de professores ao longo da história brasileira, propondo a “construção de uma prática acadêmico-universitária que articule, com eficácia, os recentes ganhos da pesquisa à realidade do ensino da disciplina, por meio de uma nova prática didático-pedagógica...” (2007, p.99)

Nesse mesmo texto, Gatti Jr citando Augustin Escolano Benito (1994, p.58) aponta ao menos quatro pontos que justificam o estudo da História da Educação nos currículos dos cursos de formação de professores:

1. Todas as ações e conceitos são categorias histórico-culturais.
2. “Se a história sem teoria pode ser cega, a teoria sem história resulta em um discurso vazio (Depaepe)”.

3. Disciplina propedêutica para formação da identidade do professor.
4. Orientação para o desenvolvimento do sentido crítico (conflitos, avanços e retrocessos...)

Também recorre ao pesquisador português Justino Magalhães (1996) que entende a importância da História da Educação na formação de professores como um discurso de continuidade e de fundamentação, sendo decisivo no processo de conhecimento da origem dos discursos historiográficos em educação, realizando a devida fundamentação e legitimação da decisão e da ação educativas, acredita que a História da Educação pode se constituir em ponto de partida para a inovação do conhecimento científico e dos procedimentos de ensino.

Também vale ressaltar, a opinião de Antônio Nóvoa (1999 apud Gatti Jr, 2007, p.129) que apontou 04 pontos justificando a História da Educação nos currículos dos cursos de formação docente, a saber:

- A História é a ciência de uma mudança e, a vários títulos, uma ciência das diferenças (Marc Bloch). A História da Educação deve ser justificada, em primeiro lugar, como História e deve procurar restituir o passado em si mesmo, isto é, nas suas diferenças com o presente.
- A História da Educação pode ajudar a cultivar um saudável ceticismo, cada vez mais importante num universo educacional dominado pela inflação de métodos, de modas e de reformas educativas. Aprender a relativizar as idéias e as propostas educativas, e a percebê-las no tempo, é uma condição de sobrevivência de qualquer educador na sociedade pedagógica dos nossos dias.
- A História da Educação fornece aos educadores um conhecimento do passado coletivo da profissão, que serve para formar a sua cultura profissional. Possuir um conhecimento histórico não implica ter uma ação mais eficaz, mas estimula uma atitude crítica e reflexiva.
- A História da Educação amplia a memória e a experiência, o leque de escolhas e de possibilidades pedagógicas, o que permite um alargamento do repertório dos educadores e lhes fornece uma visão da extrema diversidade das instituições escolares do passado.

Para concluir, ressaltamos o ponto de vista do pensador e educador brasileiro Dermeval Saviani, também citado por Gatti Jr (2007, p.131) que fala da relação entre História da Educação e políticas educacionais:

... a história da educação, enquanto repositório sistemático e intencional da memória educacional será uma referência indispensável na formulação da política educacional que se queira propor de forma consistente, em especial nos momentos marcados por intentos de reformas educativas. (...) De outro lado, dos rumos adotados pela política educacional depende o peso que a história da educação irá ter na formação das novas gerações, o que acarreta, no médio e longo prazo, conseqüências relevantes para o desenvolvimento da área.

Vemos acima as diferentes opiniões no que tange ao ensino da História da Educação nos cursos de formação de professores, porém, todas elas apontam para sua importância, seja na ampliação da cultura geral do educador, seja na construção crítica e reflexiva do futuro professor, ou mesmo nos reflexos que o conhecimento histórico da área pode acarretar nas futuras políticas educacionais adotadas pelas diferentes esferas de poder.

Vidal e Faria Filho (2003) realizaram interessante análise sobre a constituição do campo da história da educação no Brasil, a partir da visualização de quatro diferentes momentos: no primeiro, abordam o histórico da disciplina tendo como elemento norteador a tradição historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB); em seguida, analisam a disciplina história da educação e sua trajetória nas escolas de formação para o magistério; no terceiro momento, enfocam a produção acadêmica entre os anos 1940 e 1970 e seus reflexos na disciplina de história da educação e por fim, fazem balanço dos trabalhos desenvolvidos nos programas de pós-graduação nos últimos 20 anos, apontando temas, períodos de interesse e abordagens teóricas mais recorrentes nesse campo do conhecimento. Para mais informações acesse o hipertexto no endereço abaixo:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-1882003000100003&script=sci_arttext

Alguns manuais de História da Educação utilizados nos cursos de formação de professores no Brasil:

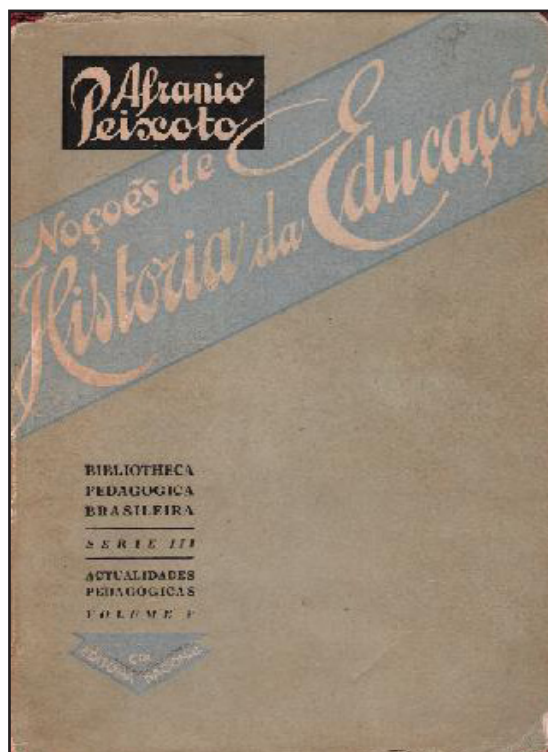


Figura 2: Afrânio Peixoto. *Noções de História da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

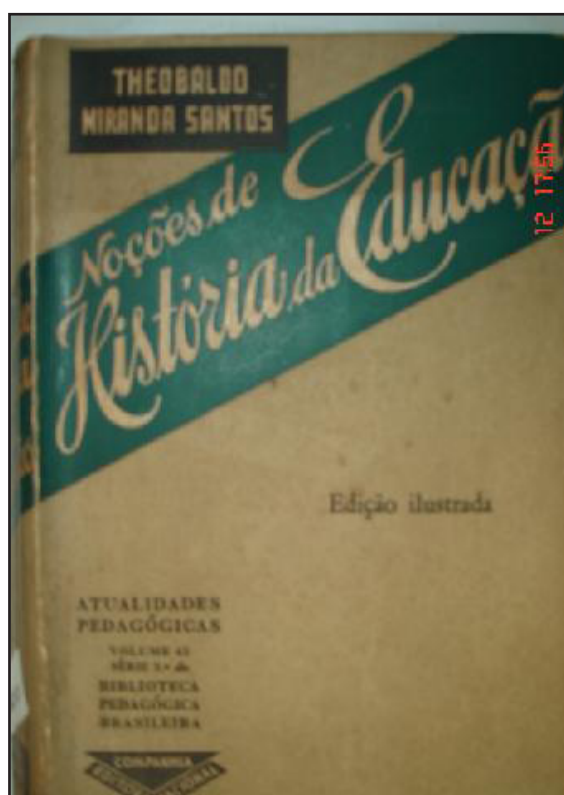


Figura 3: Theobaldo Miranda Santos. *Noções de História da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945 (Edição Ilustrada).

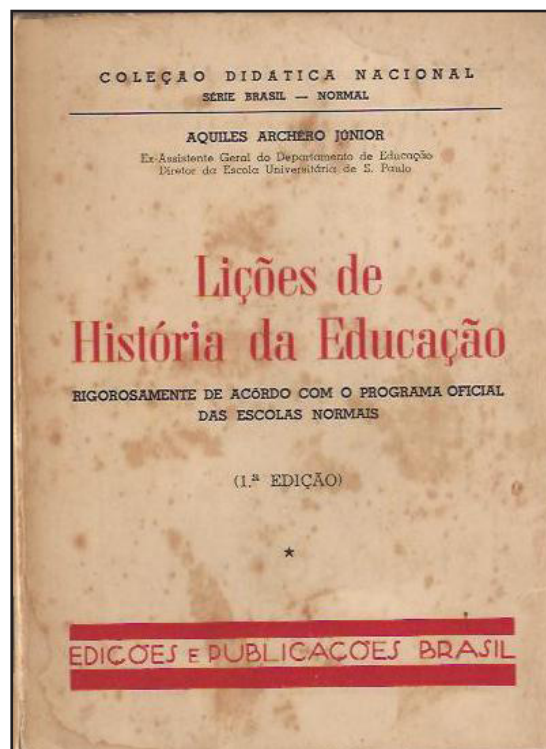


Figura 4: Aquiles Archêro Júnior. Lições de história da educação rigorosamente de acordo com programa oficial das escolas normais.
São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1948.

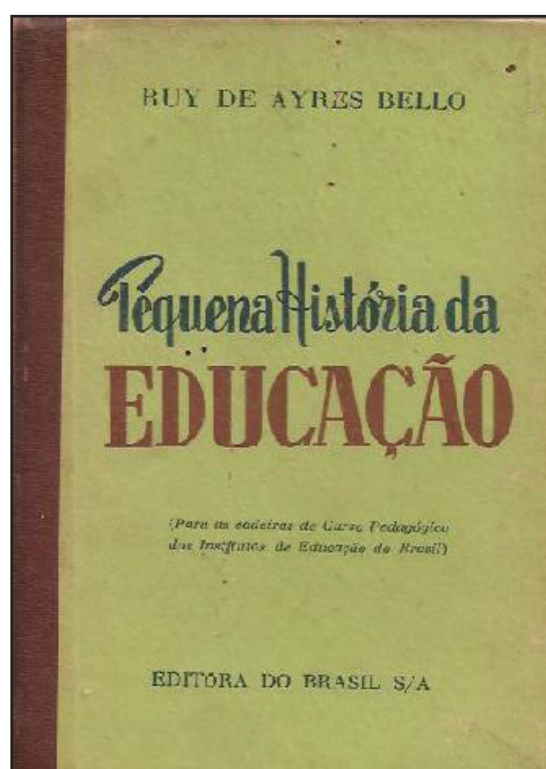


Figura 5: Ruy de Ayres Bello. Pequena História da Educação.
São Paulo: Editora do Brasil, 1957.

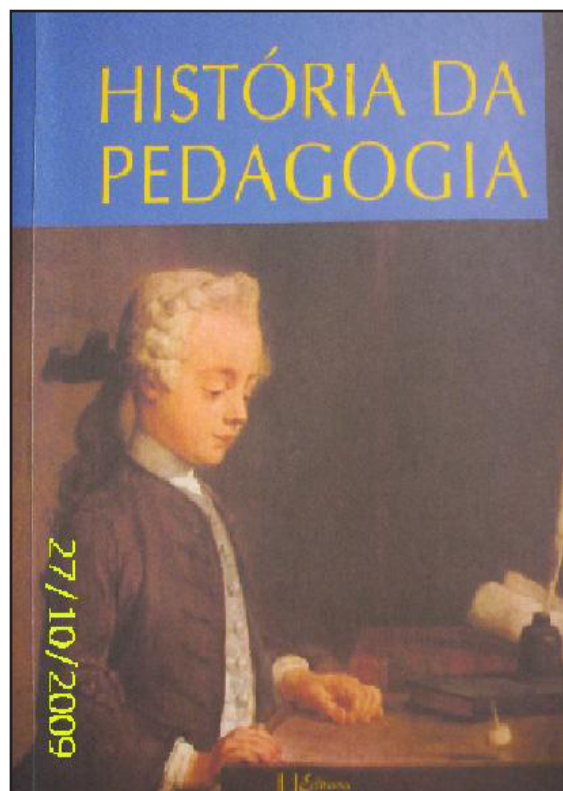


Figura 6: Franco Cambi. *História da Pedagogia*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.



Resolva sua dúvidas!

Grife todas as palavras desconhecidas nos conceitos apresentados acima e anote em seu material escrito, consulte seus significados em dicionários on-line ou impressos e se prepare para discuti-los no fórum de dúvidas.

II - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da disciplina História da Educação II, algumas dessas reflexões em torno da importância desses estudos serão retomadas em diferentes formatos, desenvolvendo profícuos debates, materializando-os em aprendizagem, no sentido de auxiliar na consolidação e na problematização da formação de professores. Desta forma, a disciplina de História da Educação, como campo disciplinar, tem sido amplamente discutida, devido ao desenvolvimento importante de seu papel não somente para a história educacional, como também à compreensão histórica e cultural das sociedades.



III - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS

- ARANHA, Maria L. A. História da Educação. São Paulo: Moderna, 1996.
- . FARIA FILHO, L. e VIDAL, D. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). Revista Brasileira de História, vol.23, no.45, São Paulo, Julho 2003.
- GATTI JR, D. e PINTASSILGO, J. Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. Uberlândia: EDUFU, 2007
- . Para informações complementares consultar os seguintes links:
 - * www.sbhe.org.br/
 - * www.histedbr.fae.unicamp.br/



IV - REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Unesp, 2001.
- . MANACORDA, Mario A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1996.
- . PONCE, Aníbal. Educação e Luta de Classes. 20ª. ed., São Paulo: Cortez, 2003.



Vamos conhecer um pouco a bibliografia de pesquisadores da História da Educação?

Faça pesquisa na internet e busque informações biográficas sobre alguns dos pesquisadores da História da Educação citados no texto, a saber:

Antonio Nóvoa:

Augustin Escolano Benito:

Dermeval Saviani:

V - TEXTO BÁSICO

MÓDULO I: Refletindo sobre a História da Educação e a História

Unidade 2 – concepções de tempo e espaço em História



A partir de suas concepções, aponte abaixo: o que você entende por tempo e por espaço? Qual o maior obstáculo que os indivíduos enfrentam para assimilar o conhecimento do passado?

Estudar história tem se tornado um desafio cada vez maior em função do volume de pesquisas que vem sendo produzido sobre o passado, um conhecimento cada dia mais especializado o que amplifica, sobremaneira, as possibilidades de aprendizagem histórica. Pensemos, pois, nos desafios de se ensinar história em tempos de “ditadura do presente”, fenômeno característico às sociedades contemporâneas?

Muitas vezes, o passado nos é apresentado como curiosidade ou algo exótico quando comparado ao presente, o que pode levar a idéia de progresso e probabilidade de mudanças, quando enfatizamos apenas os avanços tecnológicos. O peculiar e o diferente, próprios de determinada época, despertam nosso interesse, prendem nossa atenção, quem não gosta de saber como se vestiam as normalistas no início do século XX ou como os diferentes professores de bons costumes ensinavam suas lições? No entanto, esse tipo de informação tem provocado a abolição da periodização no processo de ensino-aprendizagem da história, fazendo com que a assimilação dos fenômenos históricos aconteça de forma fragmentada, desprezando-se a percepção dos fatos a partir de uma conjuntura processual, assim, muitas vezes os fatos passados são apresentados fora de seu contexto, esvaziando-se o seu sentido político.

A abolição quase que total da necessidade da temporalidade para as explicações históricas, está no fato de que as discussões teóricas contemporâneas recusaram uma história datada o que levou ao abandono completo das referências temporais e espaciais para o ensino da história. As datas e as fronteiras não seriam importantes, portanto, para a compreensão da história? Outro problema que levou a fuga à cronologia no ensino da história nos diferentes níveis de educação foi a compreensão equivocada da história temática que em detrimento dos processos históricos privilegiaria o tema (história da mulher, da infância, das guerras, da escravidão, etc.), sob o argumento de se afastar a idéia de progresso e evolução das sociedades a partir de uma visão linear da história (pré-história, antiguidade, idade média, modernidade e contemporaneidade).

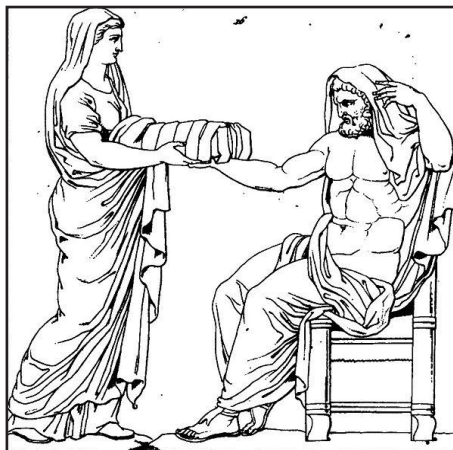


Figura 7: Deus Cronos ou “Tempo”.
Na mitologia grega, Cronos devora aos seus, assim como o tempo.

Fonte:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rh%C3%A9a_pr%C3%A9sentant_une_pierre_emmaillot%C3%A9_%C3%A0_Cronos_des-sin_du_bas-relief_d%27un_autel_romain.jpg

O fato é que o tempo histórico não poderia existir sem as medidas e unidades do tempo natural, mas este não pode ser obstáculo a compreensão dos processos sociais. Assim, a datação torna-se indispensável para se localizar um determinado mundo histórico dentre os diversos e sucessivos processos históricos. O calendário, portanto, localiza esse mundo histórico dando-lhe identidade frente aos demais momentos da história. Mas situar certo fato histórico no tempo não garante conhecer suas especificidades, seus desvios, seus movimentos internos instáveis. É preciso adentrar em seu interior.

Um problema dessa natureza e freqüentemente percebido nas aulas de história, pode ser exemplificado pelos estudos da antiguidade clássica que interpretam gregos e romanos como povos que possuíam em comum a língua, o território e o Estado. Da mesma forma, as críticas ao ensino de uma história linear também procedem, quando imaginamos que todas as sociedades passaram igualmente e simultaneamente pelos sistemas produtivos; primitivo, escravista, feudal, mercantilista até o capitalismo contemporâneo. Outro exemplo dessa história linear pode ser percebido quando estudamos o Brasil a partir da divisão Colônia, Império e República, projetando-se muitas vezes, a história particular de determinada região do país como regra do todo. E o que dizer da divisão da história humana em moderna e contemporânea, a partir do espaço europeu de guerras e revoluções?

HISTÓRIA DA HUMANIDADE E A LINHA DO TEMPO TRADICIONAL

Pré-história	Antiguidade	Idade Média	Idade Moderna	Idade Contemporânea
Das origens do homem até c. 4000 a.C.	De c. 4000 a.C. a 476	De 476 a 1453	De 1453 a 1789	

Podemos perceber, portanto, que é preciso entender que o espaço e o tempo produtos do homem são convenções promovidas por historiadores tendo como ponto de partida visões particulares e, portanto, perpassadas por intensa subjetividade. Dessa forma, é preciso discutir e refletir sobre esse tipo de organização temporal e espacial apresentada como marcadores de rupturas para que tais construções não sejam assimiladas como processos estanques e limitados a seqüência de fatos presentes nas tradicionais linhas do tempo. Somente assim, as interpretações historiográficas tradicionais perdem sua força explicativa dos fenômenos humanos a partir da idéia mecanicista que vincula causa e efeito, respostas metafísicas ou teleológicas e destino previsível da raça humana (CARDOSO & VAINFAS, 1997).

Retome a questão inicial e compare sua resposta com as concepções de tempo e espaço apresentadas neste texto. Quais são as aproximações e distâncias entre elas?



Os conceitos de tempo, de espaço e de história devem ser analisados à luz de suas historicidades, pois são frutos de suas épocas e sofrem transformações das sociedades que os construíram em processos históricos determinados e, portanto, não podem ser compreendidos como concepções fixas. Alguns conceitos, como natureza e homem, freqüentemente são apresentados nas aulas de história como alheios às suas temporalidades, marcados pela idéia de que suas características, os diferentes espaços e as sociedades onde são utilizados não mudaram com o tempo.

Mesmo trabalhando as diferenças entre passado e presente, as imagens sobre o tempo atual acabam por sobressair, e os conteúdos que selecionamos para apresentar em uma aula de história são compostos e escolhidos a partir de nossas referências do presente. Assim, como afirma Certeau (1982), quando olha o passado, o historiador o faz a partir de um quadro de referências, elaborando suas representações do passado com que operamos e passamos a usar. Por isso, pensar o tempo como categoria, implica necessariamente um amplo questionamento tanto sobre os procedimentos de produção de conhecimento histórico quanto pensar o lugar a ser ocupado pelo historiador e pela história em nossa sociedade.

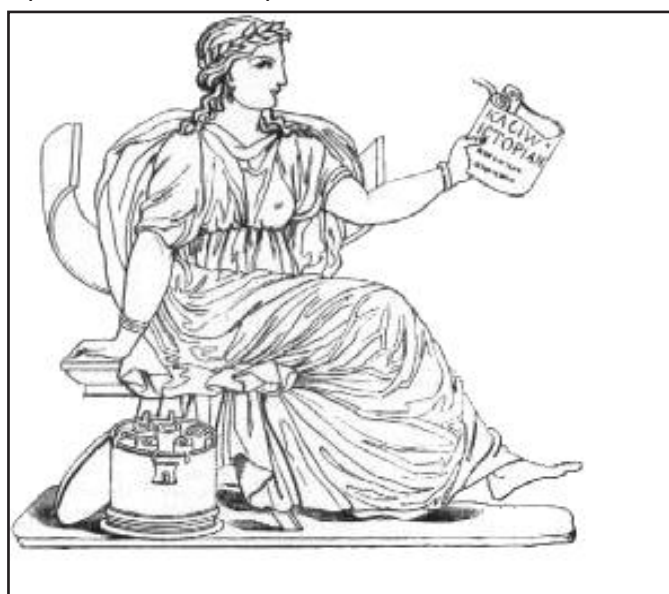


Figura 8: Musa Clio – Deusa da História.
Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Clio1.gif>

Enfrentar o desafio da abstração do presente no processo de ensino-aprendizagem do tempo histórico é fundamental para qualquer aula de história em que se almejem bons resultados. É preciso levar em conta as dificuldades de fluência de conhecimentos da escrita dos alunos, fatores externos a sala de aula que interferem nessa assimilação do tempo histórico, sobretudo, é preciso aprender a lidar com o problema da contemporaneidade onde o tempo ganha efeito de instantaneidade, de maneira que esse mesmo tempo aparece em suspenso, e o passado e o futuro não se apresentam como referências para se dar conta de uma noção de processo. Somado a esses fatores, existe o problema da diferenciação das experiências em nossas sociedades com relação ao tempo, gerando descontinuidade e falta de identidade dos indivíduos.

O tempo por ser uma construção sócio-cultural, apresenta-se em distintas formas desde as sociedades mais remotas, moldando a vida dos indivíduos de maneiras diversas. Ao longo da história, as formas de viver e pensar o tempo nunca foram homogêneas, tampouco surgem com roupagem semelhante nos diferentes grupos sociais que compartilham de uma simultaneidade temporal. Em Edward Thompson (1989) existem vários exemplos da construção do tempo como fenômeno sócio-cultural relacionado ora com o ciclo de trabalho ora com tarefas domésticas das comunidades remotas, como a sucessão de tarefas pastoris na determinação do tempo. Alguns povos mediam os intervalos de tempo pelo cozimento do arroz ou pela fritura de uma lagosta. Também havia referências aos intervalos de tempos equivalentes, como por exemplo, o tempo para cozimento de um ovo requer a duração de uma “avemaria” em voz alta.

No mundo contemporâneo, o tempo entendido como mercadoria (“tempo é dinheiro!”) e o fim da crença de um “devir” para a humanidade, como o destino final socialista (“agora só podemos nos conformar com a via capitalista!”), por exemplo, tendem a transpor todo o conflito social para o plano do simbolismo individual e cada ser passa a construir a sua própria noção de tempo.

Portanto, como deixar de lado a cronologia, as noções sequenciais de passado, presente e futuro que nortearam a produção de quase todo o conhecimento que acumulamos do passado? Como desprezar toda a formação que nos ensinou a dividir clara e objetivamente o tempo para subitamente embaralhá-lo a partir de uma atividade subjetiva da experiência e da percepção?

São questões de respostas complexas e que merecem atenção, dessa forma, ao estudarmos a História da Educação das civilizações remotas todas essas observações aqui reunidas são também pertinentes, pois os pesquisadores que tem preocupações histórico-educativas enfrentam igualmente, os dilemas da historiografia contemporânea.

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber as arbitrariedades das convenções de tempo construídas ao longo da escrita histórica, refletir sobre o tempo fragmentado a que estamos submetidos na contemporaneidade para levar a constituição de novas compreensões temporais, são desafios postos às práticas escolares, especialmente no ensino da história, seja em qual for o nível educacional.



Figura 9: Ampulheta: signo maior do tempo inexorável.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Wooden_hourglass.jpg

É sempre viável alertar os futuros professores que freqüentam a disciplina de História da Educação de que esse conhecimento, assim como qualquer outro produzido pela ciência histórica, passa pelo crivo da subjetividade de quem a produz, ou seja, os pesquisadores dedicados às questões histórico-educativas. Dessa maneira, é preciso olhar para a cronologia como uma construção humana que compara e integra movimentos que não estão presentes em simultaneidade, estabelecendo relações entre o passado e o futuro e evitando anacronismos na aprendizagem do tempo histórico.

O tempo só ganha importância por sua capacidade de mediar às relações entre o passado e o futuro de um presente, assim, a cronologia promove uma determinada experiência e consciência temporal que se articula a partir dela própria. Dessa maneira, a idéia de tempo pode ser única e plural, existindo tempos individuais e coletivos, e os tempos institucionalizados, como o tempo escolar, por exemplo.

Desde cedo, a criança experimenta o caráter coercitivo do tempo: ao crescer, aprende a interpretar os códigos temporais e a se comportar de acordo com essa orientação; a partir do tempo em que se insere deverá se autodisciplinar para assumir papéis na sociedade, sempre se observando as normas convencionadas pelas instituições que se vincula.



Figura 10: Escola Normal no bairro da República, centro de São Paulo, em 1908.
Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

A escola torna-se, no mundo civilizado, um dos mais importantes meios de aprendizagem destes signos temporais. Nela aprendemos que há um lugar e um tempo para cada coisa; são estabelecidos comportamentos permitidos e normas que determinam o possível, ainda que sofram transgressões. Segundo Frago (2001), o processo civilizatório do mundo atual transformou a coerção exercida pelo tempo padronizado num sistema de autodisciplina, ditando hábitos sociais que são parte integrante de qualquer indivíduo.



VII - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS

. CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Nos Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

. CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982

. VIÑAO FRAGO, A. Fracasan las reformas educativas? In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (Org.). Educação no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 21-52.

. Para informações complementares consultar os seguintes links:

www.anpuh.org.br/

<http://www.sobenh.org.br/Index.htm>



VIII - REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

. CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Unesp, 2001.

. LE GOFF, Jacques “História” in História e Memória. Campinas: Unicamp, 1990.

. THOMPSON, Edward P. Tradición, revuelta y conciencia de clase: estudios sobre La crisis de la sociedad preindustrial. 3ª ed. Barcelona: Grupo editorial Grijalbo, 1989.



Quem são?

Faça pesquisa na internet e busque informações biográficas sobre os historiadores abaixo mencionados:

Eric Hobsbawn:

Marc Bloch:

Ciro Flamarion Cardoso:

Módulo 2 - A Educação nas Sociedades Ágrafas e Hidráulicas

Conteúdos básicos do módulo

Unidade 1 – Educação e Cotidiano das Comunidades Ágrafas

- Características principais das comunidades ágrafas;
- Pesquisas científicas e nosso passado remoto;
- A educação nas comunidades sem escrita.

Unidade 2 - Sociedade e Educação nas Civilizações Hidráulicas

- O surgimento das Sociedades Hidráulicas;
- A civilização egípcia e a educação;
- Especificidades de outras civilizações hidráulicas.

Objetivos do módulo

Unidade 1

Essa unidade visa a reflexão junto aos alunos (as) do curso de Pedagogia a Distância em torno de questões relativas às Comunidades Ágrafas, ou seja, povos que viveram em períodos remotos e não possuíam escrita, não registrando suas práticas cotidianas em documentos, reproduzindo sua cultura pela tradição oral.

Assim, a educação reproduzida pelo grupo era transmitida a cada nova geração pelos adultos dessas comunidades e passou por poucas mudanças, em função de seu escasso desenvolvimento técnico. A rotina diária pela sobrevivência fazia com que quase todo o tempo dos indivíduos fosse despendido no esforço pelo suprimento das necessidades mais essenciais.

Dessa maneira, a educação era difundida pelo meio social.

Unidade 2

Nessa unidade buscamos promover a reflexão em torno de questões relativas ao surgimento das sociedades hidráulicas e como desenvolveram uma educação institucionalizada, ou seja, discutir de forma panorâmica a consolidação da escola como centro de difusão do conhecimento e cultura.

Assim, apresentaremos aos estudantes do curso de Pedagogia a Distância algumas informações decorrentes de pesquisas históricas relativas à civilização egípcia e sua educação secreta.

Para finalizar, mostraremos algumas especificidades de outras culturas surgidas às margens de grandes rios, como a China, a Índia e a Mesopotâmia.

I - TEXTO BÁSICO

MÓDULO 2: Educação e Cotidiano das Comunidades Ágrafas

Unidade 1 – Educação e Cotidiano das Comunidades Ágrafas



Para iniciarmos essa unidade, escreva abaixo sua concepção de EDUCAÇÃO, qual a primeira idéia que lhe surge quando você ouve esse conceito?

Quando ouvimos a palavra educação sendo citada em diferentes espaços e por distintos atores sociais, ela assume diversos significados de acordo com o contexto e o local, de forma que se constitui em um conceito polissêmico, ou seja, revelador de muitos sentidos. Em geral, um gestor escolar fala da educação produzida nas instituições educativas, um político fará referências explícitas a educação como um mecanismo de desenvolvimento social e econômico, mas implicitamente em seu discurso, ele sabe que a expansão da rede escolar gera dividendos políticos, votos, já que o acesso a boa escola é anseio antigo das massas. O termo educação pode ser utilizado ainda com o sentido que lembra os cuidados familiares desde a infância do indivíduo, uma concepção bastante comum, reproduzida por muitos de nós cotidianamente.



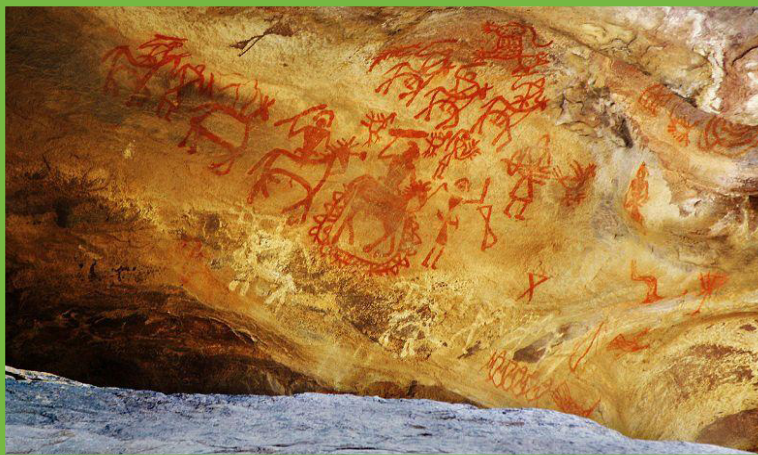
Figura 11: A valorização da figura materna na educação familiar.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mother-Child_face_to_face.jpg

Dessa forma, reconhecer o conceito de educação de forma ampliada é importante para os estudos em História da Educação I, já que poderíamos pensar que os processos educativos não existiriam antes do surgimento das instituições escolares, o que não é correto afirmar, pois estaríamos admitindo uma concepção etnocêntrica do mundo, ou seja, avaliar as comunidades ágrafas segundo os padrões atuais de nossas sociedades. Assim, segundo Aranha (2006, p.34):

Por motivos diversos é muito difícil dar as características gerais desse tipo de sociedade [ágrafas]. Porque por mais que façamos generalizações, há muitas diferenças entre tais sociedades (...) De maneira geral as sociedades tribais são predominantemente míticas e de tradição oral. Para esses povos a natureza está “carregada de deuses”, e o sobrenatural penetra em todas as dependências da realidade vivida e não apenas no campo religioso

Tudo que sabemos sobre essas comunidades sem escrita nos são trazidas por estudos que resultam de pesquisas arqueológicas, paleontológicas, antropológicas, geológicas e históricas, principalmente. Pinturas rupestres, escavações e trabalhos de análise em torno de grupos indígenas contemporâneos permitem “reconstruir” algumas práticas dessas comunidades que vêm sendo reproduzidas a séculos e até a milênios.



Arte rupestre, pintura rupestre ou ainda gravura rupestre, é o nome que se dá às mais antigas representações pictóricas conhecidas, datadas do período Paleolítico Superior (40.000 a.C.) gravadas em abrigos ou cavernas, em suas paredes e tetos rochosos, ou também em superfícies rochosas ao ar livre, mas em lugares protegidos, normalmente de épocas anteriores ao surgimento da escrita.

Figura 12: Pitura Rupestre

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bhimbetka_Cave_Paintings.jpg

Tais vestígios contribuíram para que Marx elaborasse sua teoria buscando demonstrar a existência de um comunismo tribal como origem pré-histórica de todos os povos. Essas comunidades eram pequenas e unidas por laços de sangue. A propriedade era comum, e todos os indivíduos tinham direitos e obrigações iguais, mas seu pouco desenvolvimento técnico os tornava escravos da natureza, de forma que é bem provável que as tribos despendiam boa parte de seu dia a procura de subsistência, cotidiano presente no filme “A Guerra do Fogo” (La Guerre du Feu, 1981, França-Canadá, direção de Jean-Jacques Annaud), que mostra a luta incessante pela sobrevivência, onde os grupos buscavam fugir ao frio, às feras e a fome.



Figura 13: Múmia Otzi

Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Otzi-Quinson.jpg>

Otzi, a múmia mais antiga já desenterrada, foi encontrado em 1991, surpreendendo os cientistas por seu excelente estado de conservação, por causa do gelo. Ele usava roupas feitas de couro e vegetais, levava um machado de cobre, uma cuia e flechas. Otzi é um cadáver de 5 mil anos encontrado em uma geleira no norte da Itália. Exames de DNA mostram que ele tinha sangue de quatro pessoas diferentes nas suas roupas e armas. Também tinha feridas defensivas nas mãos, nos pulsos e na caixa torácica, provavelmente morreu em combate.

A divisão do trabalho nessas comunidades vinculava-se as diferenças entre os sexos, sem submetimentos nem de homens e nem de mulheres, de forma que a economia doméstica era considerada tão importante quanto a caça ou a pesca, segundo Ponce (2003, p.18):

Como debaixo do mesmo teto viviam muitos membros da comunidade – e, às vezes, a tribo inteira –, a direção da economia doméstica, entregue às mulheres, não era, como acontece entre nós, um assunto de natureza privada, e sim, uma verdadeira função pública, socialmente tão necessária quanto a de fornecer alimentos, a cargo dos homens.



A partir da sua primeira reflexão em torno do que entende por educação e por meio dos apontamentos deste texto, que tipo de educação você acredita ser possível nas comunidades ágrafas (“primitivas”)?



Nesses grupos as crianças, a partir dos 7 anos, deveriam começar a viver às suas “expensas”, ou seja, passavam a acompanhar os adultos em todos os seus trabalhos e de acordo com suas forças colaboravam nas atividades cotidianas, de forma que sua recompensa vinha em porções de alimentos, assim como qualquer outro membro da tribo.

Dessa forma, a educação das crianças se dava espontaneamente, no dia-a-dia, moldavam-se aos padrões reverenciados pelo grupo, em geral, não eram castigadas no seu aprendizado. Mas sabiam desde cedo que os interesses comuns do grupo estavam acima de tudo:

A educação não estava confiada a ninguém em especial, e sim à vigilância difusa do ambiente. Mercê de uma insensível e espontânea assimilação do seu meio ambiente, a criança ia pouco a pouco se amoldando aos padrões reverenciados pelo grupo. (...) Presa às costas da sua mãe, metida dentro de um saco, a criança percebia a vida da sociedade que a cercava e compartilhava dela ajustando-se ao seu ritmo e às suas normas e, como a sua mãe andava sem cessar de um lado para o outro, o aleitamento durava vários anos, a criança adquiria a sua primeira educação sem que ninguém a dirigisse expressamente (PONCE, 2003, p.18).

Dessa maneira, as crianças eram introduzidas nas crenças e nas práticas que o seu grupo social tinha por melhores, por meio da convivência diária. Quando mais tarde, os adultos explicavam às crianças alguns códigos de comportamento em determinados rituais e ocasiões cotidianas, o ensino era para a vida e por meio da vida, aprendia-se a caçar, caçando, a pescar, pescando, assim, a educação acontecia a partir do envolvimento nas funções da coletividade.

Nessas comunidades, portanto, é incorreta a associação entre escola e educação como tão freqüentemente realizamos, todo o grupo se responsabilizava pela condução das novas gerações aos padrões que seguiam, de maneira que a educação dessas crianças era uma função social espontânea, o ensino não estava restrito a ninguém em especial, mas uma tarefa do grupo, da mesma forma que se aprendia a linguagem e as demais regras.

O conceito de educação (entendida como função espontânea da sociedade) foi sendo transformado, à medida, em que foram surgindo as classes sociais. A distinção social apareceu em função do escasso rendimento do trabalho humano e pela substituição da propriedade comum pela propriedade privada.

II - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na próxima unidade, buscaremos estudar de forma panorâmica algumas das principais características da educação nas civilizações hidráulicas que surgem como sociedades divididas em classes sociais com extratos privilegiados que exerciam funções de liderança, tendo certa aceitação por serem úteis à comunidade, contribuindo para o desenvolvimento de novas técnicas de produção agrícola o que seria determinante para a redução das pequenas comunidades nômades e semi-nômades. Assim, a direção do trabalho começou a se separar do próprio trabalho, o que permitiria avanços nas técnicas dando início ao excedente de produção e seu intercâmbio, acentuando-se as diferenças de fortuna.

O estabelecimento de vínculos entre os indivíduos se deslocaria dos laços consangüíneos (propriedade coletiva como nas comunidades ágrafas) para as relações de força e poder de um homem sobre outro na defesa da propriedade privada. Nesse momento, surgiram as diferenças na educação de exploradores e explorados.

Os que se libertaram do trabalho manual, buscariam defender sua posição não divulgando seus conhecimentos, e ao mesmo tempo, prolongando a ignorância das massas. À medida em que a educação das classes privilegiadas foi sendo sistematizada no sentido de se manter o poder das mesmas, surgiram as reprimendas e os castigos. A educação perdera, dessa forma, seu caráter homogêneo e integral.



Figura 14: Servos no Egito Antigo

Fonte: http://sk.wikipedia.org/wiki/S%C3%B4r:Maler_der_Grabkammer_des_Nacht_002.jpg

Na maior parte das sociedades, a família tornou-se monógama já que era necessário preservar a riqueza da propriedade privada através das gerações, a mulher passaria a ser relegada a um segundo plano, ocupando-se com tarefas domésticas, deixando o convívio social, segundo Ponce (2003, p.31):

No momento em que surgem a propriedade privada e a sociedade de classes, aparecem também, como conseqüências necessárias, uma religião com deuses, a educação secreta, a autoridade paterna, a submissão da mulher e dos filhos, e a separação entre os trabalhadores e os sábios.



III - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS

- . ARANHA, Maria L. A. História da Educação. São Paulo: Moderna, 2006.
- . PONCE, Aníbal. Educação e Luta de Classes. 20a. ed., São Paulo: Cortez, 2003.



IV - REFERENCIAS COMPLEMENTARES

- . CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Unesp, 2001.
- . MANACORDA, Mario A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1996.
- . Para informações complementares consultar os seguintes links:
 - * <http://opiniaosocialista.wordpress.com/textos-fundamentais/a-sociedade-primitiva/>
 - * <http://www.crfaster.com.br/Atitudes.htm>



Quem são?

Faça pesquisa na internet e busque informações biográficas sobre os pesquisadores da História da Educação citados no texto, a saber:

Aníbal Ponce:

Maria Lúcia Arruda Aranha:



V - TEXTO BÁSICO

MÓDULO 2: Educação e Cotidiano das Comunidades Ágrafas

Unidade 2 - Sociedade e Educação nas Civilizações Hidráulicas

As Sociedades Hidráulicas e sua Educação



Para iniciar essa unidade, escreva abaixo, a partir do seu ponto de vista, que interesses foram decisivos para o surgimento da EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA, ou seja, ensino ofertado em instituições próprias para tal?



Vimos na unidade anterior que a educação é um fato social tão antigo quanto o próprio homem, surgindo na história da humanidade desde o aparecimento dos primeiros grupos hominídeos. Podemos então afirmar que a história da educação é paralela a história da humanidade.

Quando o desenvolvimento técnico foi se tornando mais complexo, algumas sociedades passaram a fazer uso da escrita para registrar o conhecimento que adquiriam, de forma que os hábitos e costumes de alguns povos foram também modificados, dando início a divisão de diferentes segmentos sociais, tais como governantes, sacerdotes, mercadores, produtores e escravos, estabelecendo-se uma hierarquia entre eles, baseada na riqueza e no poder.

Essas mudanças exigiram um novo tipo de educação diferente daquela praticada pelas populações mais remotas que era homogênea e difusa nos grupos onde as crianças cresciam. As classes sociais que se destacaram, em função de sua força material e política, passaram a controlar o conhecimento que suas sociedades foram acumulando criando instituições para reproduzir e guardar esse saber, tais como o Estado,

o Exército e a Escola. Com isso, as escolas foram sendo estabelecidas com essa função primeira: formar os filhos dos nobres e de altos funcionários, enquanto as massas continuariam submetidas a educação familiar informal.

Foi nas sociedades entendidas como hidráulicas que tais divisões foram sendo estabelecidas. Hidráulicas, pois em sua grande maioria foram sociedades que obtiveram desenvolvimento técnico a partir de sua localização geográfica próximas a grandes rios que fertilizavam as terras ao seu redor, tais como Egito, Mesopotâmia, Índia e China.

O Egito é reconhecido como o berço da cultura, pelos povos antigos da Fenícia e Mesopotâmia, também os gregos admiravam a antiga sabedoria egípcia e foram muito influenciados pelo seu conhecimento. Não é possível aqui, estudar toda a história da educação no Egito Antigo em seus quase 3 mil anos de conquistas e derrotas, mesmo assim, é importante registrar que essa civilização é entendida como o lócus de surgimento da instrução escolarizada, o início da ciência com algumas de suas mais expressivas criações: geometria, astronomia e matemática.

Em geral, nas sociedades hidráulicas existem poucas referências sobre escolas de ciências ou de ofícios, os indícios de época referem-se quase totalmente a escola de formação para a vida política (exercício do poder), ou seja, reservada às classes dominantes.

No período mais remoto do Egito, sua literatura era sapiencial, ou seja, consistia no ensinamento da moral e de comportamentos, mas tal conhecimento era reservado às classes dominantes, seus princípios seguiam as estruturas e as conveniências sociais próprios das castas. Os criadores desses preceitos eram os próprios príncipes e reis ou seus escribas dando origem a tradição egípcia, passada de geração em geração.

A relação pedagógica era mnemônica, repetitiva, baseada nos velhos escritos e transmitida autoritariamente de pai para filho, moralizando-se a consciência interior e as relações interpessoais, sofrendo o condicionamento social de uma casta particular de indivíduos. O falar bem era o conteúdo e o objetivo dessa educação, formando-se o orador ou político para interferir nos debates e aplacar as multidões, de forma que a escrita era uma simples técnica material, instrumento de registro dos atos oficiais. Essa educação restringia-se a reprodução das tradições: “Se és homem de qualidade, forma um filho que seja sempre a favor do rei...” O rigor desse ensino também era presente, de forma que a obediência estava acompanhada dos castigos: “Pune duramente e educa duramente!”.

Alguns séculos depois a educação egípcia passaria por algumas modificações, surgindo referências à ginástica-militar e a natação como exercício fundamental. Assim, institucionalizava-se a educação intelectual (o falar bem) como a física (natação), aplicada na sede da corte e reservada aos príncipes régios e a outros nobres, mas não-nobres próximos da nobreza também podiam freqüentar a escola dentro dos palácios. A preparação física visava a guerra, já que o Egito sofrera invasões de povos inimigos, assim, passava-se a praticar o arco, a corrida, a caça as feras, a pesca, etc. A didática da época continuava baseada nos velhos escritos e na aprendizagem mnemônica, as aulas, em geral, aconteciam com os alunos ao redor do mestre sentado numa esteira, onde recitavam os textos coletivamente. Dessa forma, é a primeira vez que surgiria na história a figura de um encarregado da formação dos jovens (o professor), personificada no escriba, perito da escrita, vai se tornando mestre dos grandes (MANACORDA, 2006).



A partir do Médio Império (2040 a.C.), o uso do livro de texto iria se tornar freqüente e generalizado na educação da nobreza, de forma que gradativamente as letras tomariam o lugar da palavra. Essa escola que surgia não era pública, porém, coletiva. Os escribas ganhariam cada vez mais importância sendo responsáveis pela leitura das escrituras antigas, escreverem os rolos de papiro na casa do rei, instruir seus colegas e guiar seus superiores ou mestre das crianças.

Assim, ocorre a progressiva transformação da sabedoria em cultura, em conhecimento erudito, assimilando a tradição com seus rituais e a constituição da escola com materiais didáticos, como os papiros por exemplo. “Farei com que tu ames os livros mais do que amas a tua mãe” A escola seria o local de estudo dos livros, onde as crianças aprenderiam a imitar os adultos, de maneira que a obediência e o estudo aparecem cada vez mais como o caminho ideal para a promoção social. Assim, sábio seria aquele que conhece a tradição pelos livros e não pela experiência ou inteligência, o que aumentaria a importância dos livros, das bibliotecas (casa dos escritos) e da escola (casa da vida). A habilidade manual de escrever passaria a prevalecer sobre o bem falar.

É nessa época que se generaliza a escola, existindo uma quantidade considerável de coletâneas escolares (cadernos de exercícios, hinos, orações, sentenças morais, etc). Com a institucionalização da escola como centro difusor de conhecimento e de cultura, surgiram debates de qual seria o princípio educativo ideal: a educação deve ser severa ou permissiva? Baseada na autoridade ou nas aptidões dos jovens? As crianças deveriam ser privadas do convívio da família para freqüentar as escolas? Estas questões são bastante familiares aos nossos tempos.

O fato é que a tradição literária se consolidaria como patrimônio a ser assimilado e reproduzido perpetuamente. Nessa pedagogia a prática das punições corporais continuou a ser uma constante, de forma que a indisciplina era punida com castigos. Achados arqueológicos mostram um conjunto de regras para os jovens provenientes de classes subalternas assimilarem os costumes dos grandes e prepararem-se para a subordinação. Ainda existem dúvidas sobre a difusão da instrução na sociedade egípcia e ainda não se sabe como teriam sido elaboradas as bases teóricas e as diretrizes gerais dos seus conhecimentos matemáticos, geométricos e astronômicos.



Retome a questão inicial e compare sua resposta com os argumentos apresentados neste texto para o surgimento da instituição escolar. Quais são as aproximações e distâncias entre essas concepções?



Para finalizarmos, é preciso entender que muitas características da educação do Egito apresentadas acima podem ser encontradas em outras civilizações antigas. A Mesopotâmia (3 mil a.C.), por exemplo, desenvolveu-se entre as terras férteis dos rios Tigre e Eufrates (atual Iraque), e pouco se sabe sobre seus métodos educativos, contudo, pode-se afirmar um predomínio da educação doméstica, em que saberes, crenças e habilidades eram transmitidos de pai para filho. Mais tarde também desenvolveram centros de estudos de

história natural, astronomia, matemática, além das bibliotecas no interior dos templos. Assim como no Egito, a classe sacerdotal tinha grande poder sobre a cultura dos povos mesopotâmicos, sendo incumbidos de ler e copiar os textos religiosos e transações comerciais.

Na civilização hindu (2000 a.C.), que floresceu entre os rios Indo e Ganges (atual Índia), as castas dominantes que tinham acesso ao conhecimento veneravam seus mestres, as aulas também eram ao ar livre e dependiam da iniciativa privada. Assim como no Egito o aprendizado era mnemônico tendo como prioridade a transmissão da moral e da religião. Poucos segmentos sociais tinham acesso a gramática, a literatura, a matemática, a astronomia, a filosofia, ao direito e a medicina. Essa sociedade se diferenciava dos egípcios por não praticarem com frequência os castigos físicos para obtenção da disciplina, além do pouco interesse pela educação física.

Já a China no segundo milênio a.C., desenvolveu-se sobretudo às margens do rio Amarelo (Huang-Ho), seus processos educativos também priorizavam a reprodução da cultura contida nos livros canônicos ou clássicos, mas essa transmissão se dava de forma oral com rígida disciplina e pela memorização, mas havia uma especificidade marcante dessa civilização:

Ao contrário das demais civilizações antigas, cujo saber pertencia à classe sacerdotal, na China os letrados eram os mandarins, altos funcionários de estrita confiança do imperador e responsáveis pela máquina burocrática do Estado. (...) A educação elementar visava ao ensino do cálculo e à alfabetização, muito difícil e demorada devido ao caráter complexo da escrita chinesa (ARANHA, 2006, p.49).

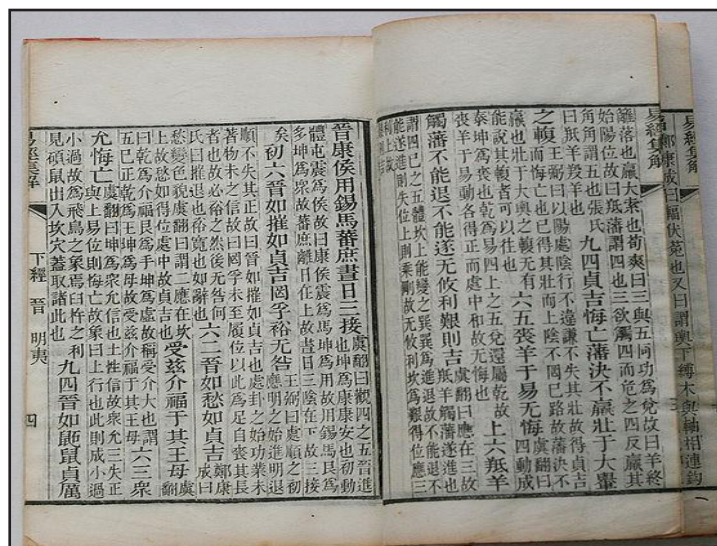


Figura 15: Excertos de anotações na língua chinesa
Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:I_Cing_1876.JPG

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As referências acima colocadas são apenas visões bastante panorâmicas dessas civilizações, classificadas como hidráulicas, pelo fato de se desenvolverem dependentes de terras fertilizadas por grandes rios. De acordo com Cambi (2001, p.61), a educação nessas culturas se caracterizava da seguinte forma:

1. ela é, ainda, transmissão da tradição e aprendizagem por imitação, mas tende a tornar-se cada vez mais independente deste modelo e a redefinir-se como processo de aprendizagem e de transformação ao mesmo tempo; 2. liga-se cada vez mais à linguagem – primeiro oral, depois escrita -, tornando-se cada vez mais transmissão de saberes discursivos (ou discursos-saberes) e não somente de práticas, de processos que são apenas, ou sobretudo, operativos; 3. reclama uma institucionalização desta aprendizagem num local destinado a transmitir a tradição na sua articulação de saberes diversos: a escola.

No próximo módulo, estudaremos a civilização Grega que a partir da apropriação dos conhecimentos dessas sociedades hidráulicas, proporcionariam grande avanço na ciência e na cultura influenciando sobremaneira o mundo ocidental.



VII - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS

- CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Unesp, 2001.
- MANACORDA, Mario A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1996.



VIII - REFERENCIAS COMPLEMENTARES

- ARANHA, Maria L. A. História da Educação. São Paulo: Moderna, 1996.
- PONCE, Aníbal. Educação e Luta de Classes. 20a. ed., São Paulo: Cortez, 2003.
- Para informações complementares consultar os seguintes links:
 - * http://pt.wikipedia.org/wiki/Antigo_Egito
 - * <http://www.geocities.com/athens/Marble/4341/egito-antigo.html>



Quem são?

Faça pesquisa na internet e busque informações biográficas sobre os pesquisadores da História da Educação citados no texto, a saber:

Franco Cambi:

Mário Manacorda:

Módulo 3 - O mundo grego e dois modelos educativos

Conteúdos básicos do módulo

Unidade 1 - Esparta e a Educação para a Guerra

- Consolidação da educação dual;
- A sociedade militarizada espartana;
- A educação para a guerra.

Unidade 2 – Atenas e o “Ócio Digno”

- Características principais da sociedade ateniense;
- A educação dual ateniense;
- Ensino superior em Atenas da Grécia antiga

Objetivos do módulo

Unidade 1

Nessa unidade buscamos apresentar como reflexão para os alunos (as) do curso de Pedagogia à Distância a questão relativa a Sociedade Espartana e seu ideal educativo, baseado na cultura militar. Antes, porém, apresentamos algumas ponderações referentes aos objetivos dessa nova educação que se consolida gradativamente em oposição à praticada pelas comunidades ágrafas.

Assim, a educação voltada para a guerra em Esparta desprezava o ato de ler e escrever, valorizando apenas a educação física como meta para se construir bravos guerreiros originados das classes privilegiadas espartanas. Esparta se afigurava muito mais a um grande acampamento militar do que propriamente uma cidade com organização social e política rígida.

Unidade 2

A proposta dessa unidade é refletir sobre o modelo de educação grego que mais influenciou o mundo ocidental contemporâneo: o ateniense. Esperamos que os alunos (as) do curso de Pedagogia à Distância possam perceber as diferenças entre o ideal educacional espartano e ateniense, buscando traçar paralelos com nossa realidade, especialmente, no que tange aos processos educativos.

A educação dos diferentes grupos sociais em Atenas também era diversificada no que se refere aos seus objetivos: para o nobre cidadão ateniense o acompanhamento de mestres desde os 7 anos até a idade dos 13 ou 15 anos quando seriam encaminhados para os ginásios, escolas mantidas pelo Estado. Para os filhos das demais categorias sociais, o que se reservava era o aprendizado de um ofício, o trabalho no campo ou nas indústrias (a construção dos artesãos).

Dessa maneira, a educação em Atenas era de caráter dual.



I - TEXTO BÁSICO

MÓDULO III: O mundo grego e dois modelos educativos

Unidade 1 - Esparta e a Educação Militar



Iniciando a unidade, escreva abaixo o que você sabe sobre a cidade-estado grega antiga ESPARTA. Que informações você possui sobre essa civilização antiga?

No módulo anterior, estudamos um pouco das sociedades hidráulicas, especialmente, o papel do Egito na constituição da educação escolarizada. Pouco se divulga sobre a grande influência desta civilização na cultura grega, mas é preciso reconhecer que muitos aspectos da educação do antigo Egito foram transmitidos a outros povos, em especial, aos gregos, tais como a separação dos processos educativos segundo as classes sociais, existindo uma escola para os governantes (preparação para o exercício do poder) e para a grande maioria da população não existia nenhuma escola, apenas o treinamento no próprio local de trabalho.

O surgimento da distinção social entre os indivíduos, as classes privilegiadas passaram a gozar do ócio que lhe era assegurado pelo trabalho das classes oprimidas, e desenvolveram uma consciência mais clara de si própria. Em virtude desta maior precisão de propósitos, as sociedades antigas adaptaram a educação aos fins que visavam, de forma que os seus objetivos educacionais buscavam: destruir os vestígios da tradição inimiga; consolidar e ampliar a sua própria situação de classe dominante e prevenir uma possível rebelião das classes dominadas.



Figura 16: Distinção social na Grécia Antiga

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Symposium_BM_E68.jpg

A educação imposta objetivava por fim ao comunitarismo entre os indivíduos, extirpando qualquer movimento de protesto da parte dos oprimidos. O ideal pedagógico não poderia ser o mesmo para todos, os ideais de cada grupo eram bem distintos, de forma que dominantes buscavam fazer com que as classes dominadas aceitassem as desigualdades imposta pelo nascimento (pela natureza, portanto).

Contudo, é preciso destacar as especificidades da cultura grega quanto a organização das cidades-estados (pólis) que era divergente pela autonomia política que possuíam de forma que buscaremos ressaltar aqui dois modelos educativos radicalmente diferentes: o ensino militarizado em Esparta e o gerador do ideal democrático em Atenas. A primeira possuía um ideal educativo baseado no conformismo e no estatismo, enquanto na segunda propunha-se a formação humana livre e nutrida de experiências diversas, sociais, culturais, etc (CAMBI, 2001).

As informações mais remotas sobre a Grécia mostram que o matriarcado foi substituído pela autoridade paterna e a propriedade coletiva deu lugar à propriedade privada. Até o século VIII a.C., as tribos gregas viveram quase que exclusivamente da agricultura, sem comércio, cada família se bastava a si própria. É a partir do séc. VII a.C. que a economia comercial começou a suplantar a puramente agrícola, mas o comércio era reservado aos escravos e aos estrangeiros, dessa forma, as classes superiores se desligavam do trabalho manual e do intercâmbio dos produtos, tornando-se socialmente improdutivas, ocupando posições de comando hereditárias, como no caso dos basileus (chefes militares).

Já no século V a.C., duas inovações de enorme importância contribuíram para o aumento da produção: a cunhagem de moedas, que facilitou muito o processo da troca, e o aperfeiçoamento dos aparelhos de navegação, permitindo grandes viagens marítimas. À medida que se concentrava a riqueza nas mãos de poucos, empobreciam-se as massas e se consolidava o homem das classes dominantes: possuidor de terras e de escravos, além de se dedicar à guerra. Os conflitos sociais se multiplicariam e surgiria a guerra interna entre credores e devedores.



A partir do texto, quais os objetivos propostos pela educação escolar criada por essas civilizações que se desenvolveram após a invenção da escrita e do desenvolvimento técnico-agrícola?



Esparta era uma importante cidade-estado que por volta do século IX a.C. o legislador Licurgo organizou o Estado e a educação. Dividiu em partes iguais a terra entre 9 mil famílias que formavam a classe superior, mesmo assim, as diferenças entre elas persistiram. Os espartanos não podiam vender ou doar suas terras, não havendo herdeiro homem capaz, as terras voltavam para o Estado. Os bebês ao nascerem, passavam por avaliação física e os considerados frágeis ou com algum defeito físico eram sacrificados, pois não poderiam se dedicar a atividade da guerra, prática que configurava uma política de eugenia, como se pode ver no filme Trezentos, produção um tanto caricatural dos espartanos feita por Hollywood, e com ator brasileiro, mas que ilustra de forma sintética um pouco do cotidiano daquela civilização.

As 9 mil famílias viviam entre os 220 mil ilotas dominados e escravizados por meio de sangrentas batalhas e os 100 mil periécicos que se entregavam sem luta e que conseguiam liberdade pessoal reduzida (com pagamento de muitos impostos e sem direitos cívicos). Dentro desse ambiente, os espartanos organizaram sua educação de forma a estimular as virtudes guerreiras, de maneira que esta sociedade se aproximava de um acampamento militar. Para assegurar sua superioridade social, a educação das classes dominantes era bastante rígida, disciplinada pela ginástica.

Dos 07 até os 45 anos, os espartanos ficavam a disposição do exército, os que viviam até os 60 anos ficavam na reserva, assim, o espartano vivia “com a espada em punho” (PONCE, 2003, p.41). Poucos nobres sabiam ler e contar, a prioridade eram as “virtudes” guerreiras, como praticar assassinatos de ilotas (os escravos que trabalhavam para os eupátridas ou espartanos), como todos os gregos, os espartanos estudavam música, canto e dança coletiva, mas não apreciavam o debate, de forma que a expressão laconismo (maneira breve de falar) deriva de Lacônia, região onde viviam os espartanos. Ressalta Aranha (2006, p.64):

Até os 12 anos as atividades lúdicas predominavam. Depois, aumentava o rigor da aprendizagem, e a educação física se transformava em verdadeiro treino militar. Os jovens aprendiam a suportar a fome, o frio, a dormir com desconforto, a vestir-se de forma despojada. A educação moral valorizava a obediência, a aceitação dos castigos o respeito aos mais velhos e privilegiava a vida comunitária.

A educação de ilotas e periécicos era bem diferente da dos espartanos. Os subordinados não podiam praticar nenhum tipo de exercício ginástico, os espartanos buscavam mantê-los apenas nas atividades agrícolas e comerciais. Mesmo assim, no ano de 464 a.C. houve rebelião dos ilotas e a reação dos espartanos foi a criação da Criptéia (emboscada) quando os jovens espartanos saíam pelas noites promovendo assassinatos dos ilotas rebeldes e valentes. “Sociedade guerreira, formada à custa do trabalho do ilota e do comércio do periécico, Esparta se apropriava e vivia às expensas do trabalho alheio.” (PONCE, 2003, p.42)

II - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa unidade, buscamos discutir rapidamente um ideal de educação bastante singular presente na antiga civilização grega voltado para a construção do guerreiro, sem a menor vocação intelectual, origem da expressão laconismo. Os espartanos dependiam de sua agricultura, cidade situada longe do mar, fechou-se em si mesma, dividindo-se rigidamente em classes sociais estáticas. O cidadão-guerreiro era formado pelo adestramento no uso das armas, levava-se uma vida em comum, favoreciam-se os vínculos de amizade e até mesmo a prática do homossexualismo que acreditavam fortalecer os laços de parceria e bravura nas batalhas.

Também as mulheres deviam se dedicar as práticas da educação física, buscando robustecer o seu corpo para gerar fortes guerreiros. Esparta entrou em declínio após a longa e conhecida Guerra do Peloponeso (451-404 a.C.), quando perdeu várias batalhas para os atenienses, e acabaria se reduzindo a atração turística para aqueles que desejavam ver os combates de jovens espartanos no altar de Ártemis.

Na próxima unidade, veremos como Atenas se projetaria como cidade-estado hegemônica da civilização grega, a partir de sua constituição de tipo democrática, libertando camponeses, instituindo tribunais populares, etc.



III - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS

- . ARANHA, Maria L. A. História da Educação. São Paulo: Moderna, 2006.
- . CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Unesp, 2001.



IV - REFERENCIAS COMPLEMENTARES

- . MANACORDA, Mario A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1996.
- . PONCE, Aníbal. Educação e Luta de Classes. 20a. ed., São Paulo: Cortez, 2003.
- . Para informações complementares consultar os seguintes links:
 - * <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esparta>
 - * <http://novahelade.homemgrilo.com/2009/04/documentario-sobre-a-grecia-antiga/>



Quem são?

Faça pesquisa na internet e busque informações biográficas sobre os personagens mítico-históricos citados no texto, a saber:

Ártemis:

Licurgo:

V - TEXTO BÁSICO

MÓDULO III: O mundo grego e dois modelos educativos

Unidade 2 – Atenas e o “Ócio Digno”



Escreva abaixo o que você sabe sobre a cidade-estado grega de Atenas. Que contribuições essa civilização antiga legou para o mundo ocidental contemporâneo?



Vimos anteriormente o predomínio da educação militarizada na cidade-estado de Esparta. Vejamos agora o outro ideal educativo produzido pela civilização grega e que deixaria grande herança para o mundo ocidental moderno: Atenas. A sociedade ateniense era maior produtora de mercadorias do que Esparta, assim, as diferenças de fortuna também eram maiores do que na sociedade espartana.



Figura 17: Mapa com a posição geográfica das principais cidades-estado gregas

No entanto, assim como em Esparta, a educação ateniense também buscava reforçar nos jovens patrícios a consciência de sua própria classe como grupo dominante. E Aristóteles era um dos mais fortes defensores da sociedade hierarquizada em classes. Os cidadãos atenienses desprezavam o trabalho manual valorizando o “ócio” entendido como digno por propiciar o refinamento da cultura por meio da dedicação às coisas do espírito. O ideal educativo ateniense reforçava esse pensamento e as diferenças entre as classes: havia dois ginásios nos arredores de Atenas (séc. VI a.C.), a Academia destinada aos mais patrícios, enquanto o Cinosarges era para os de situação um pouco inferior. Mas a grande massa de escravos e demais grupos dificilmente tinham acesso a esses centros de educação e cultura.



Figura 18: Debate com o filósofo grego Aristóteles
Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Raffael5.jpg>

Em Atenas, para cada cidadão livre existiam 18 escravos e 2 metecos (estrangeiros e libertos). Assim, para manter esse grande número de escravos era fundamental a valorização das virtudes guerreiras entre os atenienses também, mas não apenas as atividades físicas eram praticadas.

Entre os 16 e 18 anos no século (IV a.C.) desenvolveu-se a instituição conhecida como efebia quando os jovens atenienses tinham educação cívica militar. Ao final de seu período de efebia, os jovens faziam um exame para que o Estado avaliasse seu aprendizado no manejo de armas e nos deveres de cidadão. Ainda que submetidos a uma disciplina menos brutal do que em Esparta, os jovens atenienses consideravam a guerra como a sua ocupação fundamental. Assim, o ideal da educação do ateniense residia na construção do cidadão, mas a cidadania era privilégio das classes dirigentes. Aos nobres caberiam a filosofia, a arte e a literatura, assim, Aristóteles proibia que se ensinasse aos jovens as artes mecânicas e os trabalhos assalariados porque alterariam a beleza do corpo e desviariam o pensamento da elevação. De acordo com Aranha (2006, p.65):

A educação se iniciava aos 7 anos. A criança do sexo feminino permanecia no gineceu, local da casa onde as mulheres se dedicavam aos afazeres domésticos, menos importantes em um mundo, essencialmente masculino. Se fosse menino, desligava-se da autoridade materna para iniciar a alfabetização e a educação física e musical. Era sempre acompanhado por um escravo, conhecido como pedagogo. A palavra paidagogos significa literalmente “aquele que conduz a criança”.

Para os gregos, virtude nunca representou “valor moral”, mas uma característica das classes de origem nobre e proprietárias de terras e escravos. Dessa maneira, cria-se a partir desses princípios uma instituição voltada para o ensino da leitura e da escrita por volta do ano 600 a.C., assim, a aprendizagem das letras foi incorporada à educação dos nobres.



Figura 19: Moeda ateniense do séc. V a.C.
Em um dos lados a cabeça da deusa Atena e no outro a coruja.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:EarlyAthenianCoin.jpg>

Até nesse período, o ensino elementar de leitura e escrita recebia menos atenção do que as práticas esportivas e musicais. Em geral, o mestre de letras era pessoa de origem humilde, de pouco prestígio e mal pago, mais tarde, com as novas exigências de valorização intelectual os gramáticos assumiram essa tarefa e passavam a reunir grupos de alunos em praças, tendas para ensinar leitura e escrita. Acentuava-se o recurso de silabação, repetição, memorização e declamação. Decoravam poemas de Homero e Hesíodo e escreviam em tabuinhas enceradas, os cálculos eram feitos com o auxílio dos dedos e do ábaco.

O trabalho do mestre do bê-a-bá era visto como o dos demais artesãos, o mestre ensinava aos seus discípulos numa “loja de rua” e a mecanicidade do ensino acrescenta o rigor da disciplina, freqüentemente na base do chicote ou de varas, o principal meio da instrução. Os próprios colegas seguravam pelos braços e pelas pernas a criança a ser punida, os relatos de mestres surrando seus discípulos são muitos. Ao fazermos referência ao trabalho docente daquele período não podemos generalizar o cenário, porém, da mesma forma que nos dias de hoje os professores primários são pouco valorizados, na Grécia Antiga também eram os que possuíam menos prestígio.

Para saber mais sobre a relação trabalho e educação, seus fundamentos históricos e ontológicos acesse:

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>



A partir dessas informações iniciais, o que você identifica como herança da civilização grega antiga para nossa cultura contemporânea?



Com a valorização da leitura e da escrita, as escolas elementares em Atenas passaram a ser dirigidas por particulares, muito embora, não existia a liberdade de doutrina, ou seja, o professor não moldava seus discípulos de acordo com suas concepções próprias, deveriam formar governantes dedicados à pátria, às instituições e aos deuses. Por ser pago, somente os mais abastados eram capazes de custear os estudos dos seus filhos por volta dos 13 ou 15 anos quando ingressavam nos ginásios mantidos pelo Estado.

A educação elementar completava-se por volta dos 13 anos. As crianças mais pobres saíam em busca de um ofício, enquanto as de família rica prosseguiram os estudos, sendo encaminhadas ao ginásio.

(...) Com o tempo, as atividades musicais se direcionaram para discussões literárias, abrindo espaço para assuntos gerais como matemática, geometria e astronomia, sobretudo sob a influência dos filósofos. Com a criação de bibliotecas e salas de estudo, o ginásio adquiriu feição mais próxima do conceito de local de educação secundária (ARANHA, 2006, p.66).

A partir da valorização da leitura e da escrita, a escola deixou de ser conduzida pelos antigos ideais dos senhores de terra, passando a atender aos anseios dos comerciantes e industriais que cresciam em números surgindo novas oportunidades para professores. É assim que os sofistas (ideólogos da nova riqueza) lançaram-se no mercado com seu trabalho intelectual, buscando tornar a vida prática independente da religião. Sócrates seria a maior expressão desses novos pensadores atenienses, seus discípulos eram ricos e não precisavam trabalhar para viver, dando-se ao luxo de freqüentar os ginásios.

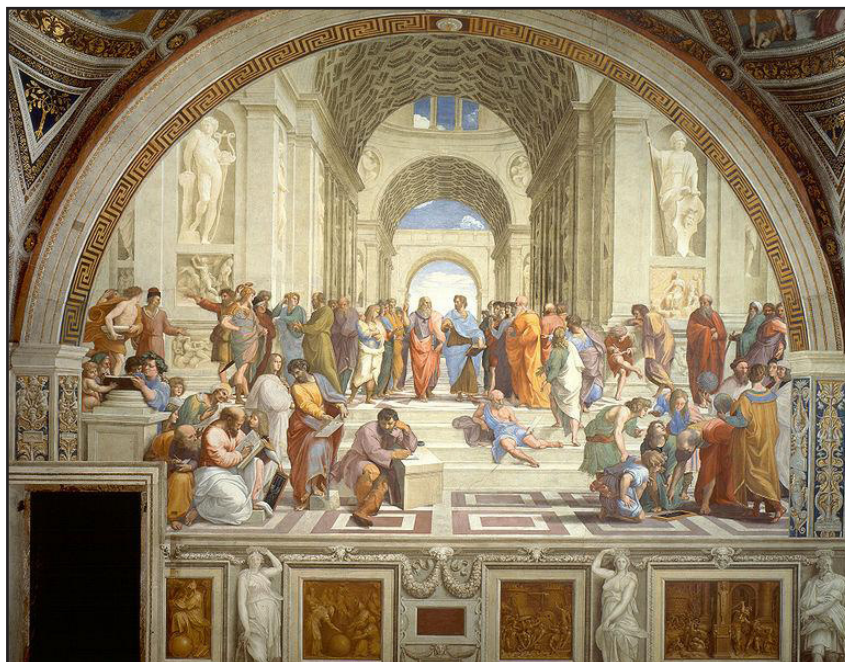


Figura 20: Representação da Escola de Aristóteles
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sanzio_01.jpg

Os sofistas praticavam um ensino de caráter antitradicional (que recusava a escola rígida de disciplina militar), despertando a reação conservadora implementada por meio de terror político e vigilância pedagógica. “O Estado compreendeu a necessidade de controlar de um modo mais minucioso o ensino das escolas, de modo a impedir que as crianças fossem contaminadas por idéias subversivas.” (PONCE, 2003, p.56)

Apenas com os sofistas (século V a.C.) teve início uma espécie de educação superior. Aqueles filósofos também se dedicaram à profissionalização dos mestres e à didática, cuidando inclusive da ampliação das disciplinas de estudo. Sócrates, Platão e Aristóteles também ministraram educação superior. Enquanto Sócrates se reunia informalmente na praça pública, Platão utilizou um dos ginásios de Atenas, a Academia, e mais tarde seu discípulo Aristóteles ensinou em outro ginásio, o Liceu. Ainda em Atenas, Isócrates abriu uma escola muito concorrida, que valorizava a retórica. Por causa disso, foi estabelecida uma polemica com Platão, seu contemporâneo (ARANHA, 2006, p.66).

Sócrates acreditava que a capacidade de pensar era comum a todos, bastava exercitar a reflexão, o que era oposto ao pensamento de Platão. Muitos filósofos foram perseguidos, banidos e mortos por terem ousado a transformar as escolas tradicionais, a partir de suas habilidades oratórias. Platão e Aristóteles, teóricos da educação, buscavam por meio dos ensinamentos conseguir a “harmonia social” em perturbação provocada pelas contradições existentes entre as classes sociais. Para eles, a justiça seria alcançada apenas quando cada classe social realizasse sua função própria: que os filósofos pensem, que os guerreiros lutem, que os trabalhadores trabalhem para todos. Platão fazia alusão entre povo e monstro feroz (titãs), por isso, era preciso mantê-lo excluído da vida intelectual dos filósofos e da vida moral dos guerreiros.

Finalizando, é preciso ressaltar que todos os apontamentos aqui apresentados em torno da educação ateniense dizem respeito a determinado período da história dessa cidade-estado e não pode ser assumido como algo homogêneo, mas circunstancial a determinado momento.

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse módulo, vimos de forma bastante simples algumas das características da educação ateniense da Grécia Antiga. Esperamos que o caráter classista dessa educação, baseado na hierarquia entre as classes sociais daquele período tenha ficado bastante explícito: os jovens atenienses deveriam se dedicar, antes de qualquer coisa, ao aprendizado da leitura e da natação. Após essa etapa, os pobres deveriam exercitar a agricultura ou a indústria, enquanto os abastados seriam conduzidos a música, a equitação, a filosofia, a caça até estarem habilitados a freqüentar os ginásios.

Não havia, portanto, atenção para o ensino profissional, já que os ofícios se aprendiam no próprio mundo do trabalho. As exceções eram a arquitetura e a medicina, consideradas artes nobres. A medicina, profissão altamente considerada entre os gregos, baseava-se nos ensinamentos de Hipócrates (460-377 a.C.) acrescidos de inúmeras observações, que tornaram a medicina parte integrante da cultura geral grega, ao lado dos preceitos éticos e das regras de conduta (ARANHA, 2006, p.66).



Figura 21: Sócrates: acusado de corromper os jovens foi condenado a morte.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:David_-_The_Death_of_Socrates.jpg

No Módulo final, estudaremos um pouco da contribuição de outra civilização antiga que nos legou grande contribuição em nossas práticas cotidianas no mundo ocidental contemporâneo: Roma. É preciso salientar que os romanos se apropriaram de muitos aspectos da cultura grega, da mesma forma que os gregos também absorveram os conhecimentos das civilizações egípcia, mesopotâmica e mesmo das mais distantes como a hindu e a chinesa.



VII - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS

- . ARANHA, Maria L. A. História da Educação. São Paulo: Moderna, 2006.
- . PONCE, Aníbal. Educação e Luta de Classes. 20a. ed., São Paulo: Cortez, 2003.



VIII - REFERENCIAS COMPLEMENTARES

- . CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Unesp, 2001.
- . MANACORDA, Mario A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1996.
- . Para informações complementares consultar os seguintes links:
 - * <http://greciantiga.org/>
 - * <http://pt.wikipedia.org/wiki/Atenas>



Quem são?

Faça pesquisa na internet e busque informações biográficas sobre os pensadores gregos citados no texto, a saber:

Aristóteles:

Hipócrates:

Platão:

Sócrates:

Módulo 4 - Roma e a Educação

Conteúdos básicos do módulo

Unidade 1 - Escola e Trabalho no Cotidiano Romano

- Constituição da antiga sociedade romana;
- Docência em Roma: Ludimagister, Gramáticos e Retores;
- A educação e Estado romanos.

Unidade 2 - A Infância e a Educação Feminina

- O papel da mulher romana;
- Cotidiano e infância na Roma Antiga;
- A escola romana em ilustrações.

Objetivos do módulo

Unidade 1

Buscamos discutir como reflexão central nessa unidade a questão da apropriação dos saberes gregos por parte dos romanos no que tange a educação promovendo a gradativa sistematização do sistema educacional em Roma.

Esperamos que os alunos (as) do curso de Pedagogia à Distância possam perceber as diferenças e semelhanças entre as civilizações grego e romana, bem como compreender a importância dessas sociedades antigas na conformação da organização social brasileira.

Para tanto, estudaremos em breves relatos a docência e alguns aspectos das escolas surgidas na Roma Antiga.

Unidade 2

Finalizando a disciplina de História da Educação I, propomos nessa unidade conclusiva observar alguns aspectos do papel da mulher e o cotidiano infantil na Roma Antiga. Esperamos que os alunos (as) do curso de Pedagogia à Distância possam conhecer um pouco dessa temática por meio de representações iconográficas da época, como forma de visualizar um pouco da realidade da época.

Conhecer um pouco das formas didáticas e pedagógicas antigas pode contribuir para uma melhor compreensão de nossa realidade educacional, pensando em formas de como superar algumas práticas que, porventura, possam estar sendo reproduzidas à séculos de forma um tanto mecanizada.

Dessa maneira, esperamos colaborar para a formação de educadores críticos e dispostos a contribuir com mudanças necessárias para a implantação de um novo tipo de educação, de caráter menos dualista.

I - TEXTO BASICO

MÓDULO IV: Roma e a Educação

Unidade 1 - Escola e Trabalho no Cotidiano Romano

Roma e a sistematização da educação



Escreva abaixo o que você sabe sobre a civilização romana antiga. Que informações você possui sobre essa cultura do mundo ocidental?

Roma também se constituiu como sociedade de classes a partir da escravidão, assim como ocorrera na Grécia. Nos primórdios da cultura romana o proprietário rural (paterfamilias) compartilhava com os seus servidores os trabalhos manuais, mas era a autoridade maior de suas posses, exercendo o papel de juiz, chefe e religioso. Com o passar do tempo essa colaboração foi sendo extinta e a rígida hierarquia sendo estabelecida.

No ano de 287 a.C. patrícios (grandes proprietários de terras) e plebeus (camponeses e pequenos agricultores) passaram a ter igualdade política, mas era a posse da terra que assegurava os melhores postos na hierarquia do Estado.

A agricultura, a guerra e a política constituíam o programa que um romano nobre devia realizar. Para aprendê-lo, a única maneira era a prática. Junto ao pai, o jovem romano aprendia os segredos da agricultura. A guerra, ele travava conhecimento com ela, primeiro

nos campos de exercício, depois na corte do general. Em relação à política, ele se adestrava assistindo às sessões em que se debatiam os assuntos mais ruidosos (PONCE, 2003, p.62).



Figura 22: A Loba Capitolina, escultura etrusca do século V a.C.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Capitoline_she-wolf_Musei_Capitolini_MC1181.jpg

As conquistas de Júlio César geraram milhões de escravos para Roma, o que assegurou às suas classes dirigentes o “ócio com dignidade”. Sem remuneração ou interrupção, o trabalho escravo produzia rendimentos contínuos.

Apareceu, então, o desprezo pelo trabalho como uma ocupação própria de escravos, de modo que em Roma também vamos encontrar, sem grandes variações, o mesmo antagonismo entre trabalho e ócio, que assinalamos anteriormente na Grécia (PONCE, 2003, p.64)

Para controlar tantos escravos os romanos também se utilizavam do terror, promovendo os embates entre os gladiadores, que se enfrentavam até a morte. Com a necessidade de se ampliar a produção, estabeleceu-se o trabalho remunerado, alguns escravos comprariam sua liberdade, de forma que, o negócio da alforria se transformara em algo tão lucrativo quanto a escravidão.

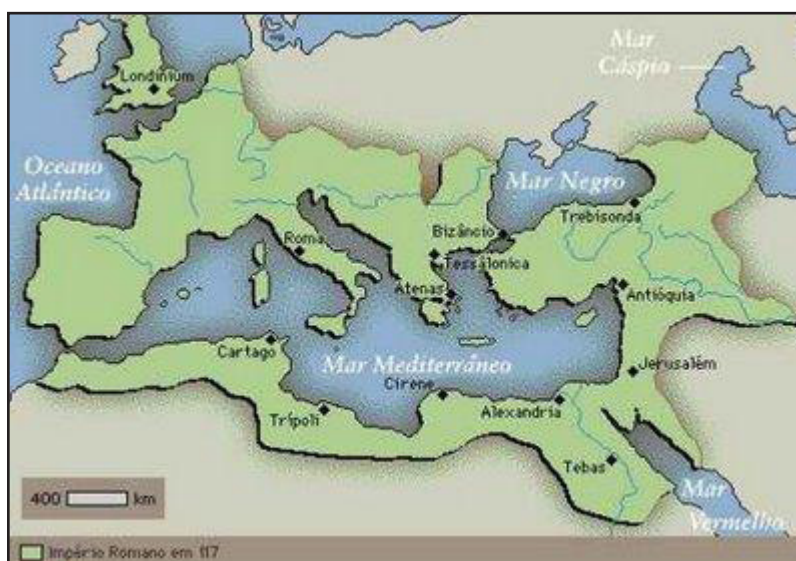


Figura 23: Extensão Marítima do Império Romano no ano de 117.

A partir do séc. IV a.C., surgiria a necessidade de uma “nova educação” não mais apoiada na antiga classe aristocrática e rural, mas sim nas demandas que vinham das outras classes que se firmavam, a comerciante e a industrial.

Apareceriam em Roma os ludimagister, ou professores primários, os gramáticos para a educação média e os retores para a superior. Segundo Ponce (2003) notícias seguras sobre escolas primárias em Roma data do ano de 449 a.C. As famílias mais abastadas pagavam professores particulares, as demais se reuniam e criavam escolas para seus filhos. O professor primário era um antigo escravo, um velho soldado ou um proprietário arruinado. Desde o início, o ofício de professor era bastante desprezado aos olhos dos romanos.

Os professores primários não estavam autorizados a cobrar pelo seu ensino, ainda que recebessem “presentes” e posteriormente, salários, mas que não podiam ser cobrados judicialmente caso não tivessem seus vencimentos em dia. A situação era um pouco diferente em relação aos mestres do ensino médio e do ensino superior, que ganharam importância à medida que os grupos que enriqueceram buscavam cultura especializada para assumir altos cargos oficiais. Sobre o perfil dos retores, afirmou Ponce (2003, p.69): “O retor não se esquecia de um só detalhe: tinha algo de poeta e ator, de advogado e de músico, de janota e de professor de boas maneiras.”

Quintiliano propôs formar o orador desde o berço, um imperador que não soubesse se expressar seria indigno de reinar. Augusto criou o exército permanente separando as virtudes civis das militares, a guerra se transformou numa profissão e o romano rico, aliviado dessa carga, viu que lhe sobrava tempo para outras coisas.



Figura 24: Estátua de Quintiliano

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Calahorra,_estatua_de_Quintiliano.JPG

As novas escolas criadas para os filhos dos comerciantes ensinavam a ler em latim (o idioma de todos) e não mais em grego, despertando o desprezo e a perseguição da aristocracia senatorial, receosa da popularização de seu conhecimento. Essas escolas foram por algum tempo proibidas, mas ressurgiram com mais força, assim, nos tempos de Augusto e de Tibério, existiam cerca de 20 escolas renomadas em Roma. As escolas públicas primárias e superiores foram exigência do poder crescente dos comerciantes, para assegurar a direção política dos seus negócios.

A partir das informações do texto acima, que semelhanças você observa entre o sistema escolar romano e nossa educação contemporânea?



O jovem patrício aos 7 anos freqüentaria a escola do magister, aos 12 começava a freqüentar a do gramático, e aos 16 se punha em contato com o ensinamento do retor, mas que levaria toda a vida para ser assimilado. O retor não ensinava conhecimentos técnicos (próprios da burocracia), mas sim a defesa das causas mais opostas, a retórica e o debate. O ensino prático se compunha de três graus: tesis (questões gerais), causas (de caráter forense) e controvérsia (política, teatral, arte de governar, o que atraía o interesse).

Até os 7 anos, as crianças permaneciam sob os cuidados da mãe ou de outra matrona, “mulher respeitável”. Depois dessa idade, as meninas aprendiam no lar os serviços domésticos enquanto o pai se encarregava pessoalmente da educação do filho. (...) Aos 15, ele acompanhava o pai ao foro, praça central onde se fazia o comercio e eram tratados os assuntos públicos e privados, (...) aprendia o civismo. (...) Aos 16 anos, o jovem era encaminhado para a função militar ou política (ARANHA, 2006, p.89).

Com o crescimento da burocracia do Estado Romano, acentuou-se a concorrência entre os professores que preparavam candidatos para os cargos oficiais prestigiados. Os retores e os filósofos, especialmente, recorriam até mesmo a propaganda pessoal, mas seu ofício, muitas vezes, era comparado ao de um artesão o que muito lhes desagradava. Mas como afirmou Ponce (2003, p.74): “Que os professores primários fossem incluídos na turba desprezível dos assalariados, lhe parecia muito bem.”

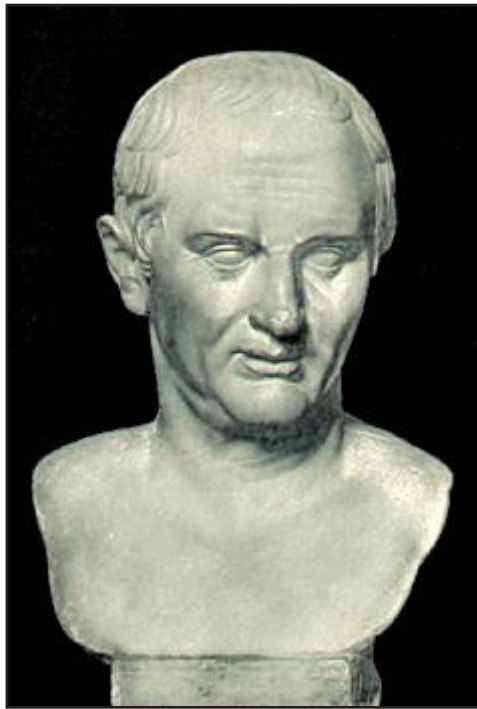


Figura 25: Busto de Marcus Tullius

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:CiceroBust.jpg>

As escolas “livres” em Roma, organizadas pela iniciativa privada, não tinham “liberdade de doutrina”, estavam sujeitas aos censores que aplicavam exames e correções caso o ensino não estivesse ajustado às crenças religiosas e às práticas e costumes consagrados junto ao povo romano.

Nero desobrigou os retores de prestar serviço militar, de desempenhar o sacerdócio, de cumprir as obrigações judiciais, de dar hospedagem a mensageiros oficiais e tropas romanas. Tal ato foi o reconhecimento dos governantes da importância do ensino superior para o seu próprio domínio. Dessa forma, o ensino tendia cada vez mais a se dividir: o ensino superior cada vez mais protegido e um ensino primário submetido a precariedade. O ensino do Direito passou a ser particularmente cuidado a partir de Adriano, por volta do século II a.C.

Antônio Pio e Marco Aurélio exigiram que as cidades mais importantes do Império custeassem os salários dos retores e dos filósofos. As cidades não cumpriam com regularidade tal obrigação, ficando os professores em permanente instabilidade financeira. Foi sob o governo de Juliano que o ensino a cargo do Estado foi consolidado pela forte pressão da necessidade de se formar funcionários para a máquina estatal, e era nas escolas que eles se formavam.

Em 370, Valentiniano publicou um regulamento disciplinar para os estudantes do Ateneu Romano que exigia identidade referendada pela polícia, declarações sobre os meios de vida do estudante e da sua educação anterior, bem como seu comportamento nos espetáculos e banquetes públicos. “Apenas surgiu na história o ensino oficial, e já apareceu em seguida a inevitável comparação com o exército. O corpo de professores é um regimento que defende como o militar os interesses do Estado, e que caminha com ele ao mesmo passo.”

Quando ocupavam um novo território, logo os retores instalavam escolas para domar as mentes dos povos conquistados, os professores, assim como os capitães da guerra, estavam agora a serviço da dominação das classes superiores, reduzindo inimigos fora de Roma e quebrando rebeldes dentro do Império.

II - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somente a partir do século II a.C. que em Roma também se organizou escolas destinadas a dar formação gramatical e retórica. Como vimos anteriormente, que sistematizou as escolas divididas por graus e providas de instrumentos didáticos específicos, como os manuais (CAMBI, 2001). Como vimos, as escolas eram divididas em:

- Elementares - destinadas a dar a alfabetização primária: ler, escrever e, freqüentemente, também a calcular. Funcionavam em locais alugados ou na casa de famílias abastadas, escreviam com estilete nas tabuletas de cera, a disciplina era rígida apelando-se aos castigos físicos.
- Secundárias – nelas aprendiam-se a música, a geometria, a astronomia, a literatura e a oratória
- Escolas de retórica - onde se estudavam textos literários e treinava-se a declamação, a retórica política, forense, filosófica, etc.

É preciso também fazer referência as escolas para os grupos não dominantes, já existindo relatos de instituições técnicas e profissionalizantes, ligadas aos ofícios e às praticas de aprendizado das diversas artes e ofícios, muitas vezes, freqüentadas pelos “escravos sem senhores”. Para saber mais sobre a escravidão na Roma Antiga acesse:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882006000200010&script=sci_arttext



III - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS

. ARANHA, Maria L. A. História da Educação. São Paulo: Moderna, 2006.

. PONCE, Aníbal. Educação e Luta de Classes. 20a. ed., São Paulo: Cortez, 2003.



IV - REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

· CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Unesp, 2001.

. MANACORDA, Mario A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1996.

. Para informações complementares consultar os seguintes links:

* http://pt.wikipedia.org/wiki/Roma_Antiga

* <http://www.antiguidadeclassica.com/website/>



Quem são?

Pesquise na internet informações biográficas sobre os personagens históricos citados no texto, a saber:

Marco Aurélio:

Valentiniano:



V - TEXTO BÁSICO

MÓDULO IV: Roma e a Educação

Unidade 2 - A Infância e a Educação Feminina

Educação feminina e infância em Roma



A partir dos textos já estudados, escreva abaixo em poucas palavras, algumas características da educação que são semelhantes tanto na civilização grega quanto na romana.

Desde os primeiros tempos da civilização romana, a autonomia da educação paterna era uma lei do Estado: o pai era dono e artífice de seus filhos. A monarquia romana surgiu a partir da república dos patrícios ou donos da terra e das familiae (famílias), isto é, proprietário dos núcleos rurais, das mulheres, dos filhos, dos escravos, dos animais e de qualquer outro bem da sua propriedade. A Lei das Doze Tábuas (séc. V a.C.) permitia que o pai punisse os filhos rebeldes com prisão, trabalhos forçados e até mesmo com a morte, a pena capital era estendida aos filhos portadores de necessidades especiais também.

O papel das mulheres na educação de seus filhos, contudo, não era secundário. Em Roma, caberia a mãe a tarefa de ensinar aos filhos os primeiros elementos do falar e do escrever. Talvez por isso, na civilização romana antiga não tenha existido por muito tempo, nenhuma forma de educação pública para o ensino elementar.

Vários textos descrevem como, sob os cuidados da mãe ou da nutriz, a criança crescia em casa e com os colegas, entre os brinquedos e as primeiras aprendizagens, dos quais

ficaram muitos testemunhos escritos e iconográficos. Entre os jogos, por exemplo, Horácio enumera a brincadeira de construir casinhas, de amarrar ratos a um carrinho, de tirar par ou ímpar, de andar a cavalo em uma cana; Pérsio lembra o jogo das nozes e, até, o parar de brincar como sinal do fim da infância; e sabemos que se brincava de mora, de pião e de aro empurrado por um bastãozinho. Existiam também jogos de reflexão como a dama o xadrez, os astrágalos e os dados; outros jogos, como a altilena, a cabracega, a raia, talvez tenham sido importados da Grécia (MANACORDA, 2006, p.75).

Abaixo vemos duas gravuras presentes em sarcófagos do período clássico romano que revelam um pouco do cotidiano das mulheres e das crianças da Roma Antiga. Na gravura da esquerda, retirada de um relevo em pedra, temos uma cena única de um parto registrado em um túmulo. Na outra, uma matrona romana dando banho em seu filho com auxílio de suas servas, detalhe de um sarcófago do século II d.C.



Figura 26: Cena de um parto.
Fonte: Museu Arqueológico.



Figura 27: Matrona romana dando banho em seu filho
Fonte: Museu do Capitólio – Roma

Nas gravuras que seguem, vemos como os recém-nascidos eram cuidados pelas suas mães e escravas. Da esquerda para a direita, na primeira das representações da infância romana, uma criança encapuçada e enrolada em tiras de panos da cabeça aos pés, ficando dessa forma até quase o primeiro ano de idade: “Eis, pois, este feliz recém-nascido; ele está deitado, pés e mãos ligados”. Já no segundo momento, a criança já aparece com os pés livres, prestes a ser libertada, pois já poderia ficar de pé. Na gravura seguinte, a criança dorme em seu berço com um animal doméstico a lhe vigiar.



Figura 28: Recém nascidos.
Fonte: Museu de Beaune-França.

O sarcófago do pequeno M. Cornélio Estácio de meados do século II da era cristã é um poderoso testemunho da vida da criança em Roma nos tempos de Adriano, com representação das idades da infância.



Figura 29: Representação das idades da infância
Fonte: Sarcófago de Cornelius Statius, Museu do Louvre, Paris-França.

As cenas representadas no sarcófago mostram o mundo privado de uma família romana, destacando-se em seu conjunto a figura paterna, presente em todos os espaços cênicos. Muito embora, a antiga tradição educativa já estar desgastada quando da construção desse sarcófago, é interessante lembrar que o conjunto nos conduz a família onde o pai era o mentor da formação de seus filhos. Nessa imagem, os pais de M. Cornélio Estácio parecem querer mostrar que eles dispensavam atenção pessoal ao pequeno.

O pai aparece presente em dois momentos cruciais da infância de seu filho, no primeiro, que os antigos consideravam período de crescimento e após os sete anos, quando se iniciava a educação propriamente dita, retratando o menino em traje de gala, declamando seu dever de retórica diante do pai. Os dedos seguem gesto de eloquência codificado e ensinado, gesticulando conforme o código da exibição retórica. O livro é símbolo de cultura, sinal distintivo de superioridade social. Entre essas fases, o garoto é representado montando um animal de seu tamanho, uma brincadeira natural para uma atividade que exercitaria no futuro.

A gravura seguinte mostra meninas jogando bola num pilar e meninos lançando nozes para demolir o castelo de noz, cotidiano infantil presente em sarcófago do século II d.C.



Figura 30: Cotidiano infantil
Fonte: Sarcófago de Criança, Museu do Louvre, Paris-França.

Nas gravuras abaixo vemos uma boneca romana, confeccionada em marfim e âmbar, que nos dá mostra do penteado e do tipo de calçado usados no século IV a.C. O brinquedo possuía membros articulados, suas formas expressam o padrão de beleza do período. A outra gravura mostra o ideal de jovem romana digna e graciosa em seus movimentos.



Figura 31: Boneca Romana

Fonte: Proveniente de Ontur Las Eras (Albacete) Museu arqueológico



Figura 32: Ideal de jovem romana

Fonte: Museu do Louvre - Paris

Outra fonte que mostra a posição da mulher na Roma antiga é o conhecido epitáfio de Cláudia do século II a.C. que apresenta, de forma bastante rica, o ideal formativo para a mulher, onde se lê:

Estrangeiro, pouco tenho para dizer; pára e lê. Este é o sepulcro não pulcro de uma pulcra mulher. Cláudia foi o nome que lhe puseram seus pais. Ao marido amou de todo o seu coração. Filhos, criou dois. Destes, a um, deixou sobre a terra, o outro sob ela. Aprazível a sua fala, gracioso era o seu andar. Cuidou da sua casa, fiou lá. Disse. Podes ir-te.

Na gravura abaixo, temos a representação de um jovem romano trajando a bulla e a túnica pretexta.

A bulla era um medalhão que as crianças usavam no pescoço, como uma espécie de amuleto, contra os efeitos do mau olhado, redondo ou em forma de coração. O menino ficava com ele até a maioridade e a menina, até o casamento



Figura 33: Jovem Romano
Fonte: Museu do Louvre Paris-França

Já a toga fazia parte da vestimenta do romano, era branca e trazia uma faixa de púrpura na borda, sinal que distinguia senadores e o menino abaixo de 17 anos. Este, quando atinge a maioridade, depõe diante do Lar da casa as insígnias da infância, a bulla e a toga pretexta, vestindo o traje ordinário.



Figura 34: Aula e escola romana
Fonte: Museu Arqueológico

No relevo anterior (século III d.C.), vemos uma aula em escola romana (Trier), com o mestre ao centro e seus alunos ao seu redor. Dois deles desenrolam seus manuscritos (volumina) e o terceiro, à direita, segura a capsa - a caixa de madeira que contém o necessário para as aulas de ler e escrever, os quais obedeciam a seguinte rotina:

O escravo me estende minhas tabuinhas, minha escrivainha, minha régua. 'Salve, colegas. Me dêem um lugar. Aperta-te um pouco, é meu lugar.' Eu me ponho a trabalhar. Eu escrevo segundo o modelo. Quando eu acabei de escrever, mostro o que fiz ao mestre; ele apaga os erros e faz as correções, depois me manda ler. Eu aprendo de cor as explicações. Então, sob a ordem do mestre, acodem os pequeninos. Um dos grandes os ajuda quanto às letras e as sílabas. Eles escrevem as palavras, versos.

Na gravura abaixo vemos o Fórum de Pompéia estampado em uma pintura de mural, onde se lê o seguinte diálogo entre o aluno rebelde Cócalo, e seu "- Onde está rebenque duro, meu rabo-de-boi de bater nos rebeldes presos? Dêem-mo antes que minha cólera estoure! E Cócalo, então: - Não, Lamprisco, eu suplico pelas Musas e pela vida de tua pequena Coutis: com o duro, não! Bate-me com o outro!" Herondas, Mimos



Figura 35: Fórum de Pompéia
Fonte: Museu Arqueológico

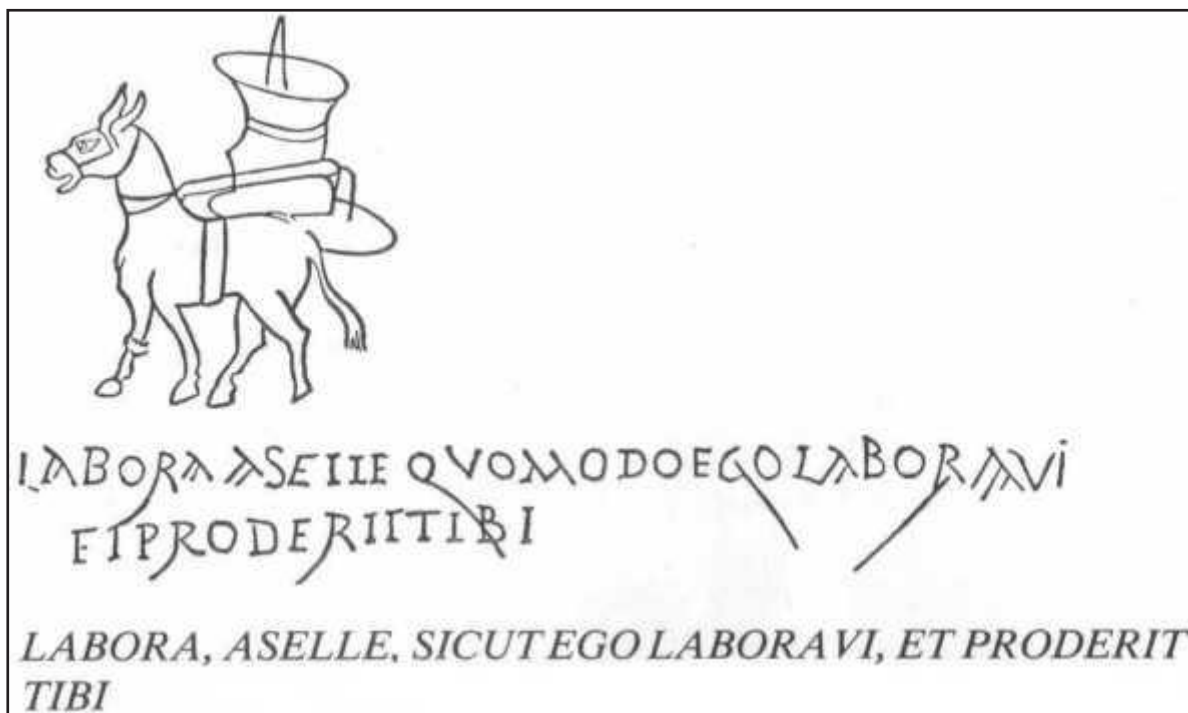


Figura 36: Desenho de escolar, com legenda: “Camela, jumento, como eu camelei e será de muito proveito a você!”
Fonte: Grafite no Palatino Romano.



Figura 37: Canetas, Estiletos e tinteiros romanos
Fonte: Museu Britânico. Departamento de Antiguidades Greco-Romanas

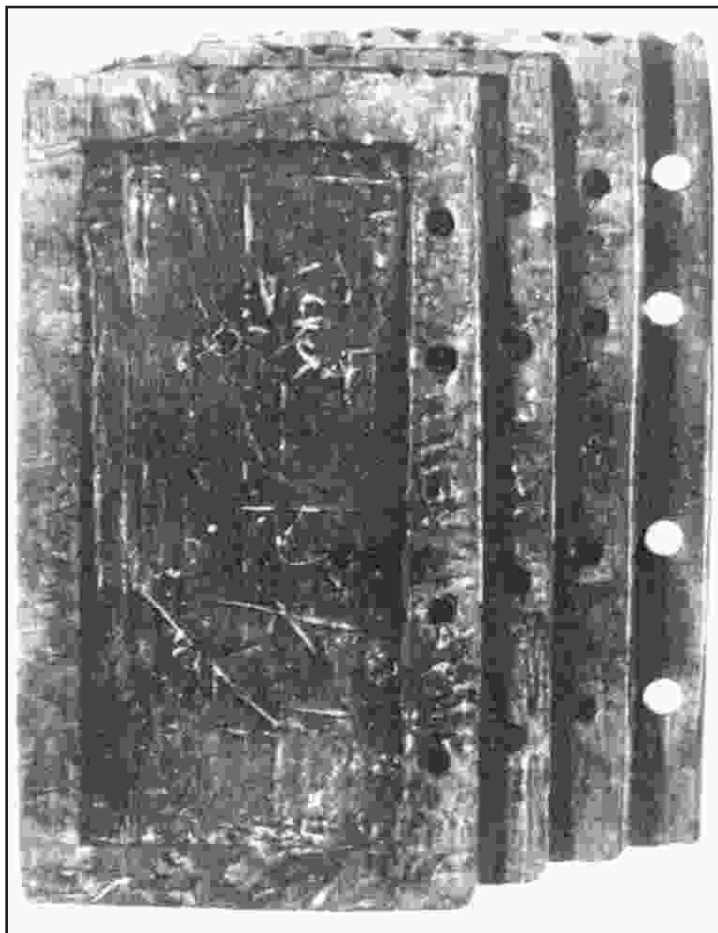


Figura 38: Tabuletas ceráceas para escrever
Fonte: Museu do Louvre-Paris.

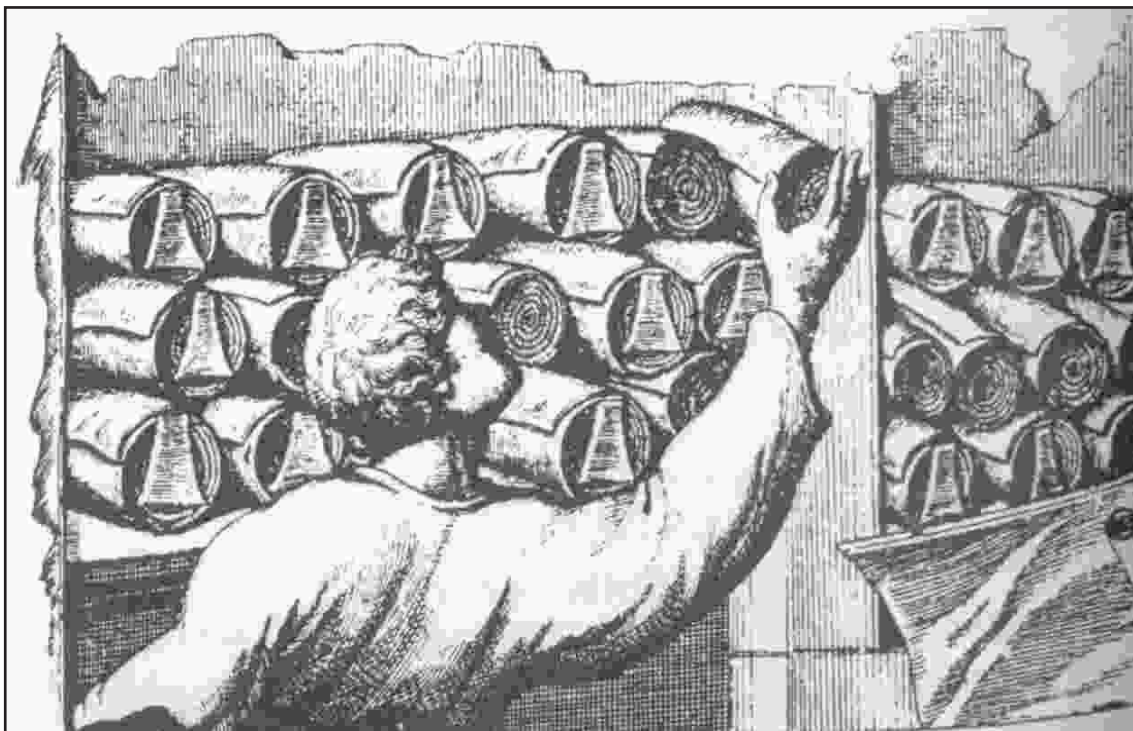


Figura 39: Gravura copiada de um baixo-relevo mostrando um método de guardar rolos na Roma Antiga. Observem-se as etiquetas penduradas nas pontas dos rolos.
Fonte: Museu de Roma.

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrando a disciplina de História da Educação I, gostaríamos de enfatizar junto aos (as) alunos (as) do curso de Pedagogia a Distância sobre a importância de se olhar o passado de forma crítica, observando-se os avanços e retrocessos no âmbito da educação. A condição docente, a lenta e gradativa sistematização da educação em graus, a partir da contribuição das civilizações grego-romanas são construções resultantes de processos históricos, o que procuramos demonstrar ao longo dessa disciplina, reforçando-se a idéia de que o homem é um ser essencialmente histórico.

Para compreendermos os desafios presentes e projetar alternativas para uma nova educação no futuro, o conhecimento do passado, mesmo o mais remoto, pode ser decisivo para que evitemos cair nas mesmas e velhas armadilhas. Assim, estudar as influências desses povos antigos sobre nossa educação contemporânea pode parecer, em princípio, um esforço hercúleo sem ponto de chegada. No entanto, parece-nos importante que todo educador possa compreender minimamente que a educação contemporânea é somatório das heranças grego-romanas e também dos princípios cristãos amplamente difundidos no mundo ocidental, a partir do século IV d.C. e que será estudado na disciplina de História da Educação II.

Esperamos que o conhecimento aqui apresentado possa refletir nas futuras práticas docentes do hoje estudante de Pedagogia à Distância da Universidade Federal de Uberlândia.



VII - REFERÊNCIAS BÁSICAS COMENTADAS

- CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Unesp, 2001.
- . MANACORDA, Mario A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1996.



VIII - REFERENCIAS COMPLEMENTARES

- . ARANHA, Maria L. A. História da Educação. São Paulo: Moderna, 2006.
- . PONCE, Aníbal. Educação e Luta de Classes. 20a. ed., São Paulo: Cortez, 2003.
- . Para informações complementares consultar os seguintes links:
 - * http://www.fflch.usp.br/dlcv/paulomar/iac_prod.html
 - * <http://www.heladeweb.net/Portugues/indexportugues.htm>



Quem são?

Pesquise na internet informações biográficas sobre os personagens da história romana antiga, citados no texto, a saber:

Cláudia:

M. Cornélio Estácio: